
MINISTÉRIO

Uma Revista para Pastores e Obreiros

ADVENTISTA

JUL/AGO 82



NÚMERO 4

**Antecipando a
Música do Céu**



ÍNDICE

Editorial

- Mais uma Expressão de Seu Amor 3
Daniel Belvedere

Artigos Gerais

- Antecipando a Música do Céu 4
Clinton A. Valley
- Carismáticos e Católicos 7
Dr. Raoul Dederen

Obra Pastoral

- Tomar Decisões 10
W. J. Hackett

Saúde e Religião

- Seu Estimulante Está-lhe Abatendo o Ânimo? 12
Dr. Leo R. Van Dolson

Evangelismo

- Evangelista nas Residências 15
Dr. C. Raymond Holmes

Teologia

- Creio em Jesus Cristo 16
Dr. Raoul Dederen

Arqueologia

- Descobertas em Elefantine e a Cronologia Posterior ao Exílio 19
Dr. Siegfried H. Horn



O MINISTÉRIO ADVENTISTA



ANO 48 - Nº 4 - JUL/AGO 82

Gerente Geral:
Wilson Sarli

José C. Bessa
Alcides Campolongo
Pavel Moura

Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa

Direção de Arte:
Erlo G. Köhler
Rogério Sorvillo

Redator:
Naor G. Conrado
Diretor:
Arthur S. Valle
Colaborador Especial:
Daniel Belvedere
Colaboradores:
João Wolff

Assinatura Anual:
Cr\$ 450,00
US\$ 4,00

Esta revista acha-se registrada na DCDP do DPF sob nº 899 — P. 209/73

CAPA Erlo e Paulo

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista *O Ministério Adventista*, devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 07-1042 70000 - Brasília, DF



Editado bimestralmente pela Casa Editora Brasileira, Av. Pereira Barreto, 42 — 09000 - Santo André, São Paulo 5935

MAIS UMA EXPRESSÃO DE SEU AMOR

DANIEL BELVEDERE

Embora seja certo que Deus é seu Autor, no evangelismo entra também o ser humano, mas não como um intrómetido. Ele faz parte do plano divino.

Mais de uma vez lhe terá ocorrido o mesmo que tive de experimentar com certa frequência. A série de conferências começa a ter êxito e isso comove a opinião pública; mobiliza os dirigentes religiosos que desejam silenciar os lábios do evangelista. Então vêm os emissários perguntando com insistência: "Com que autoridade está pregando?" Uma pergunta parecida à que formularam a Pedro, João e os demais apóstolos em Jerusalém. Recorda?

O apóstolo S. Paulo tinha uma resposta para as interrogações expostas no parágrafo anterior: Num ato de Sua soberana vontade, "aprouve a Deus salvar aos que crêem, pela loucura da pregação (ΚΗΡΥΧΜΑΤΟΣ)"¹ e, para consegui-lo, o Senhor Se vale dos lábios humanos dispostos a comunicar a mensagem divina, como os de João Batista, aquela voz humana que clamava no deserto, comunicando aos homens o evangelho do reino de Deus.

Este ato de chegar ao homem por meio do homem é a estratégia de Deus conhecida pelo nome técnico de evangelismo. Por meio dela procura-se confrontar as almas com Deus a fim de que se produza o novo nascimento, o crescimento, os frutos e outros dons que Deus dá a Seus Filhos.

No entanto, detrás do aspecto meramente técnico e formal da tarefa (Deus evangelizando os homens através dos homens) aflora uma das facetas mais enternecedoras da graça de Deus: o princípio de colaboração divino-humana. Em outras palavras, o homem como colaborador de Deus;² o qual põe Seu tesouro em vasos de barro.

Na introdução do Apocalipse, S. João resume os passos desse princípio: "Revelação de Jesus Cristo, que Deus Lhe deu para mostrar aos Seus servos as coisas que em breve devem acontecer, e que Ele, enviando por intermédio do Seu anjo, notificou ao Seu servo João, o qual atestou a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo, quanto a tudo o que viu."³

Embora existam diferentes funções ou capacidades entre os planos e atividades de Deus o Pai, Deus o Filho, Deus o Espírito Santo, os Evangelistas, existe plena unidade e identificação na grande comissão de comunicar a salvação. Por exemplo, quando o Senhor enviou a Seus discípulos numa missão que poderíamos considerar como de adestramento, disse-lhes: "Quem vos recebe, a Mim Me recebe; e quem Me recebe, recebe Aquele que Me enviou";⁴ Quem vos der ouvidos, ouve-Me a Mim; e, quem vos rejeitar, a Mim Me rejeita; quem, porém, Me rejeitar, rejeita Aquele que Me enviou."⁵ Evidentemente, não só há unidade de missão entre os que pregaram nas diversas épocas, sendo uns continuadores das tarefas de proclamação dos outros,⁶ mas existe plena unidade e identificação com a atividade missionária do próprio Deus, como se fosse um mesmo corpo. Sem dúvida, boa parte desse pensamento se achava implícita nas palavras de Jesus: "Assim como o Pai Me enviou, Eu também vos envio."⁷

A pregação confiada aos seguidores de Jesus é a continuação de Sua própria evangelização. Essa idéia estava latente no pensamento hebreu expressado aos discípulos (hebreus também) pelo Mestre da Galiléia. "Uma fonte rabínica disse: 'Aquele que é enviado por um homem é o próprio homem' (Ber. 5, 5)."⁸

Essa idéia de que Jesus e os crentes formam algo como um mesmo corpo deve haver sido captada por Paulo quando, avistando já os muros de Damasco, ouviu o Senhor dizer-lhe: "Por que Me persegues? ... Eu sou Jesus, a quem tu persegues."⁹ Assim como no princípio Deus criou o mundo, mas colocou na esfera do homem a responsabilidade da lavoura e do cultivo, criou a vida e pôs na esfera do homem a capacidade de procriação, Deus provê a redenção, mas colocou a proclamação na esfera do homem.¹⁰

A graça de Deus, que está procurando recriar o homem por meio da redenção em Cristo Jesus, não somente lhe permite conhecer que há perdão pela fé no sangue do Senhor, mas também aponta para o desenvolvimento e crescimento emocional produzido pelo ato de realizar algo pelos outros; para o sentir-se útil, especialmente em colaboração com Deus. Vistas nesse contexto, podem ser muito significativas as palavras por meio das quais Paulo agradece ao Senhor esse plano baseado no princípio de colaboração divino-humano: "Sou grato para com Aquele que me fortaleceu, a

Antecipando a Música do Céu

O futuro de todo cristão destina-se a estar repleto de sons musicais. Os que entoam o cântico de Moisés e do Cordeiro enquanto se acham em pé no mar de vidro ter-se-ão preparado desenvolvendo um gosto musical aqui na Terra que torne agradáveis os cânticos do Céu. Os dias da música do mundo estão contados.

CLINTON A. VALLEY

Pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Laventille, Trindade, Índias Ocidentais

A Igreja Adventista do Sétimo Dia não é apenas mais uma igreja. Ela veio à existência em cumprimento da profecia, para ser nos últimos dias o instrumento de Deus na proclamação mundial das boas-novas de salvação pela fé no sacrifício expiatório de Jesus Cristo. Nenhuma outra igreja surgiu tão precisamente de acordo com a profecia; nenhuma outra igreja corresponde tão definitivamente às qualificações da igreja remanescente de Apocalipse 12:17; nenhuma outra igreja prega toda a verdade de Deus no contexto das mensagens dos três anjos. É nisto que consiste a singularidade da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Todos os que resolvem tornar-se membros desta Igreja são exortados a harmonizar-se com seus ideais e objetivos. Sua vida deve ser tão distinta como a mensagem que transmitem. Isto requer total entrega que influa em todo departamento da vida da igreja e certamente influenciará a música usada pela igreja em cumprimento do encargo que lhe foi dado por Deus.

A música é um dos grandes dons de Deus ao homem e é também um dos mais importantes elementos num programa espiritual. É um meio de comunicação com Deus e constitui "um dos meios mais eficazes para impressionar o coração com as verdades espirituais" (*Educação*, pág. 167). O canto tem maravilhoso poder — "poder para suscitar pensamentos e despertar simpatia, para promover a harmonia de ação e banir a tristeza

e os maus pressentimentos, os quais destroem o ânimo e debilitam o esforço" (*Ibidem*). A finalidade da música é servir "a um santo propósito: erguer os pensamentos àquilo que é puro, nobre e elevador, e despertar na alma devoção e gratidão para com Deus" (*Fundamentos da Educação Cristã*, pág. 98).

A música tem surpreendente valor vivificante e terapêutico. Jesus sabia disso. Quando era jovem "exprimia freqüentemente o contentamento que Lhe ia no coração, cantando salmos e hinos celestiais.... Entrelinha em cânticos comunhão com o Céu; e quando os companheiros se queixavam da fadiga do trabalho, eram animados pela doce melodia de Seus lábios. Dir-se-ia que Seu louvor banisse os anjos maus, e, como incenso, enchesse de fragrância o lugar em que Se achava." — *O Desejado de Todas as Nações*, ed. popular, pág. 63.

O Céu é um lugar repleto do som da música. Na Criação os anjos irromperam em cânticos de louvor e expressões de alegria. Está escrito a respeito do próprio Criador: "O Senhor teu Deus... regozijar-Se-á em ti com júbilo." Sof. 3:17. A alegria da vida mais abundante — seja no Céu ou na Terra — sempre se reflete em sons musicais.

No âmago de tudo isso está o fato incontestável de que o Deus do Céu aprecia e ama o que é belo. Portanto, todos os que desejam ser um com Deus também precisam desenvolver sua percepção estética. Não admira, pois, que a música e a apreciação

musical tenham alcançado uma posição tão central na vida dos cristãos adventistas do sétimo dia.

Para eles não pode haver, porém, estética sem ética. A música que é aceitável para o cristão adventista precisa ser socialmente adequada, inquestionável eticamente e bem fundada teologicamente. Os que selecionam músicas para finalidades precípuas desta igreja devem exercer alto grau de discriminação em sua escolha. Isto é necessário e vital por causa da presença na Terra daquele hábil sedutor que faz da música "um dos poderes mais sedutores para a tentação" (*Mensagens aos Jovens*, pág. 291). Ele conhece muito bem o poder da emoção e a eficácia de certas espécies de música para suscitar tentações. Na qualidade de antigo regente de coro e audaz compositor, ele guia a produção de inúmeras melodias e canções que degradam o gosto e conduzem ao pecado. Algumas delas, como no caso da música usada por Balaque para seduzir a Israel em Baal-Peor, podem até ser chamadas deleitosas — exceto em relação aos resultados finais, que não são nada agradáveis.

O musicólogo Paulo E. Hamel provê algumas informações surpreendentes em seu artigo: "Uma Psicologia da Música Para os Cristãos." "As modificações físicas que ocorrem dentro de nosso corpo ao ouvirmos música têm sido avaliadas. A música, na realidade, eleva ou baixa a pressão sanguínea, conforme o tipo da música.... As ondas cerebrais



Elio

são alteradas em seu padrão usual, modificam-se os reflexos pupilares e ocorre grande número de outras modificações fisiológicas quando ouvimos música." — *The Journal of True Education*, abril 1961, pág. 12.

O mesmo autor sugere que pode-se julgar a música pela companhia que ela conserva. Ele declara que não deseja em seu lar o tipo de música tocado em casas de jogo, clubes noturnos e prostíbulos; e então comenta: "Não creio que um cristão, em seu lar, em seu quarto ou em seu carro tem o direito de convidar para dentro de si a música que é tão usual em lugares de má reputação." — *Idem*, págs. 12 e 13.

Até agora a civilização tem sobrevivido ao *rock-and-roll*, *presleyismo*, *beatleísmo*, *acid rock*, *punk rock* e a música de disco, embora alguns estejam perguntando se ela conseguirá suportar muito mais. Seja como for, os dias de semelhante música estão contados, como os cristãos sabem, e se cultivarmos o gosto por ela, nós nos excluímos inevitavelmente do país em que o *rock-and roll* e outras músicas semelhantes seriam incongruentes.

Grande parte da música hodierna não se enquadra tão definida e distintamente dum lado ou do outro. A maioria tende a ser discutível, e assim é necessário mais do que sabedoria humana para determinar o que é música aceitável e o que não é. Precisamos, portanto, de algumas diretrizes.

De todos os elementos musicais, o ritmo ou a cadência pro-

voca a mais forte reação física. Os maiores sucessos de Satanás freqüentemente têm advindo desse apelo à natureza física. Revelando arguta compreensão dos perigos envolvidos, Ellen G. White disse: "Eles [os jovens] têm um ouvido aguçado para a música, e Satanás sabe quais os órgãos que devem ser excitados para estimular, absorver e fascinar a mente de tal maneira que Cristo não seja desejado. Os anseios espirituais da alma por conhecimento divino, por crescimento na graça, se acham ausentes." — *Testimonies*, vol. 1, pág. 497. O *jazz*, o *rock* e outras formas musicais híbridas de índole semelhante são bem conhecidas por suscitar essa reação sensual em multidões de pessoas. Cumpre salientar, porém, que isso não é tanto um problema de uso, como de mau emprego e abuso do ritmo.

Além disso, por mais importante que seja o ritmo, vários outros fatores igualmente importantes influem vigorosamente na obra musical como um todo. Por conseguinte, precisa haver inteligente consideração de todos os fatores ao avaliar a natureza religiosa ou irreligiosa de determinada composição musical. Sempre devemos ter em mente, também, os fatores vitais da associação e conotação. Quanto a isso, o *jazz*, devido a sua longa associação com os indesejáveis elementos dos salões de dança, teatros e clubes noturnos, tornou-se totalmente impróprio para o uso na igreja. É bem claro, portanto, que a conotação constitui um fa-

tor importantíssimo nesta questão.

Ao considerarmos o texto ou os versos, em primeiro lugar eles precisam estar em harmonia com os ensinamentos da Escritura. Tais cânticos e corinhos como "Estar no Seio de Abraão", "Se você chegar lá antes do que eu, diga a todos os meus amigos que também estou indo", e a estrofe: "Amar-Te-ei na vida, amar-Te-ei na morte" serão excluídos por esse motivo.

Em segundo lugar, o texto deve enobrecer, elevar e purificar os pensamentos do cristão. Isso desqualifica, entre outros, as antigas triviais, cânticos cristãos populares mas frívolos, e inexpressivas músicas sentimentais. Além disso, a comunicação da mensagem deve ser de suma importância e não ser prejudicada por elementos musicais preponderantes.

Que tudo isso está dizendo ao cristão adventista do sétimo dia? Ele precisa reconhecer que foi colocado neste mundo para determinar sua aptidão para a vida futura. Encontra-se, portanto, neste mundo principalmente para desenvolver o caráter. Em tudo que ele faz, este objetivo deve estar claramente diante dele. Por isso, parte de seu desenvolvimento tem de abranger o cultivo das emoções para que se mostrem sensíveis ao que é bom, refinado e belo. O cristão adventista do sétimo dia não pode gostar do que o mundo gosta e ainda alegar que está aguardando a cidade da qual Deus é o arquiteto e edificador. Precisa haver uma diferença, e essa diferença deve ser bem evidente a todos.

O futuro de todo cristão destina-se a estar repleto de sons musicais. Quando Cristo voltar, inumerável multidão de santos anjos O escoltará com antifonas de melodia celestial. Então, ao retornar à cidade de Deus, o coro angélico emite o som da vitória e todos os remidos participam de vigorosa antífona que proclama: "Digno é o Cordeiro, que foi morto." E dos palpitantes séculos da eternidade que prosseguem continuamente, é dito o seguinte: "O profeta ouviu ali o soar de música e cânticos, cânticos e música como, salvo nas visões de Deus, nenhum ouvido mortal ouviu ou a mente concebeu." — *Profetas e Reis*, pág. 730. O cristão adventista do sétimo dia que pretende estar no Céu e ouvir sua música precisa começar agora mesmo a dar à música celestial seu devido lugar em seu coração e vida. ■■



CARISMÁTICOS E CATÓLICOS

DR. RAOUL DEDEREN

Professor de Teologia no Seminário Teológico
da Universidade Andrews

A renovação carismática é a coisa mais excitante e vital que está ocorrendo na Igreja Católica Romana hoje em dia. Para muitos, ela é também a mais alarmante.

Isto faz parte de um movimento carismático de maiores proporções que começou em Topeka, Kansas, na virada do século, e transpôs as barreiras denominacionais. Esse desenvolvimento geralmente é considerado o clássico movimento pentecostal. A segunda grande onda ocorreu na década de 1950 e no começo dos anos 1960, e muitas vezes é chamada de Movimento Neopentecostal. Ela deu-se novamente no âmbito das igrejas protestantes. A terceira etapa da renovação carismática é a sua expressão católico-romana. Em 1967, um grupo de professores e alunos da Universidade Duquesne, em Pittsburgh, Pensilvânia, uma universidade católica dirigida pelos Padres do Espírito Santo, entraram em contato com alguma literatura do movimento pentecostal. Eles oraram pelo batismo no Espírito e deram início ao movimento católico de renovação carismática, o qual, segundo uma estimativa moderada, abrange cerca de 300.000 pessoas nos Estados Unidos e no Canadá e cerca de 150.000 noutras partes do mundo. Admite-se em geral que sua liderança se baseia na Comissão de Serviços de Renovação Carismática, na Comunidade do Povo do Louvor, e nas comunidades de Notre Dame, In-

diana, e da Palavra de Deus, em Ann Arbor, Michigan.

As pessoas envolvidas relatam que esse movimento transformou radicalmente sua vida, ocasionando freqüentemente um aprofundamento instantâneo da vida devocional, da experiência de partilhar a fé e forte desejo de ler as Escrituras. Os que são "batizados no Espírito" comumente alegam ter recebido o dom de orar numa língua desconhecida ou algum outro dom do Espírito, como efetuar curas, ensinar sob inspiração e profetizar. Contudo, para alguns, o movimento é alarmante em seu elitismo, em seu fundamentalismo bíblico e em sua ênfase exagerada aos dons carismáticos, em detrimento da tradição católica em sua totalidade. Ele também é alarmante em seu crescimento.

Não resta dúvida de que o movimento carismático tem promovido um crescimento da percepção espiritual como nunca dantes na história da Igreja Católica na América do Norte. Após alguns anos de relativo silêncio e alguns sorrisos incrédulos, os bispos católicos estão começando a fazer declarações, não somente enaltecendo o movimento, mas também aconselhando os fiéis a seu respeito.

Embora recomendasse cautela com alguns perigos que continuam a existir aqui e ali, como o elitismo e o fundamentalismo bíblico, que ele julga contradizer o ensino da Igreja Católica, o *Relatório da Comissão dos Bispos dos Estados Unidos Para Pesquisa e Práticas Pastorais*, no começo de 1975 apoiou os "aspectos positivos e desejáveis" da renovação carismática.

Pouco depois, numa mensa-

gem datada em abril de 1975, os bispos do Canadá também acentuaram os característicos positivos do movimento, mas advertiram que ele "possui igualmente aspectos negativos... — o inevitável preço a ser pago por tudo que é novo."² Em maio do mesmo ano, por ocasião da assembleia em Roma da Conferência Internacional Sobre a Renovação Carismática, o Papa Paulo VI, que fora pressionado a condenar o movimento, elogiou a "renovação espiritual" em andamento na Igreja Católica. Sem dar explícita aprovação a todos os elementos do movimento carismático, ele indicou claramente que um movimento leal à orientação dos bispos e que promove a "meditação, o louvor a Deus, a consideração à graça do Espírito Santo e a leitura mais assídua das Escrituras Sagradas" só podia ser bem recebido pela Igreja Católica.³

Essa aceitação pública da renovação como um fato a ser levado em conta parece ser acompanhada por um desenvolvimento que está ocorrendo dentro do próprio movimento. O frescor de novas aventuras tende a ser substituído por modelos padronizados e conceitos de organização bem definidos. Pela primeira vez também, está havendo críticas severas por parte de pessoas esclarecidas, e essas críticas não podem ser desprezadas pelas autoridades católicas. A maioria delas são dirigidas contra as "comunidades do concerto" altamente estruturadas, que procuram prover ambientes para os membros viverem "mais plenamente no Senhor" do que se crê ser possível na sociedade secular.

As pessoas envolvidas no movimento carismático relatam que esse movimento transformou radicalmente sua vida...

Apelo Para Investigação

Por exemplo, foram os pretensos abusos numa dessas comunidades do concerto: True House ("Casa Verdadeira"), em South Bend, Indiana, que levaram o Dr. Guilherme Storey a apelar para uma investigação do movimento pelos bispos nacionais, a fim de salvaguardar a "autêntica tradição católica e os direitos de consciência" de seus membros. Na qualidade de professor-associado de Liturgia e História da Igreja na Universidade de Notre Dame e um dos poucos fundadores do movimento na Universidade Duquesne, Storey tornou públicas as suas avaliações numa entrevista com João Reedy, redator de *A. D. Correspondence*,⁴ que saiu no exemplar de 24 de maio de 1975 desse periódico e foi descrita por Reedy como sendo "provavelmente o artigo mais significativo que eu já publiquei em meus 22 anos como redator".⁵

Storey retirou-se do movimento há uns cinco anos, devido aos métodos de sua liderança, mas permaneceu ligado aos participantes em muitas regiões do país. Essa foi a primeira vez em que expôs as suas críticas em público. Ele rejeita toda idéia de completa supressão do movimento pelas autoridades da Igreja, mas recentes ocorrências —

disse Storey — contribuíram para ocasionar abusos e condições que constituem perigos muito graves, erros teológicos e padrões de reação religiosa que não se harmonizam com a autêntica tradição católica.⁶

Entre as críticas específicas de Reedy encontram-se as seguintes: um padrão de autoritarismo no qual "a única opção dos que discordam é renunciar à liderança"; uma confusão de prioridades de culto em que o centro de adoração às vezes é transferido da eucaristia — ou serviço de comunhão — para os cultos de oração carismática; uma forma propositada pela qual pequenas e espontâneas reuniões de oração se tornam "grupos em que as pessoas entregam sua vida, consciência e propriedade, tudo em nome da comunidade"; extraordinário desenvolvimento de autoritarismo, o qual, "combinado a certas práticas de oração, produziu uma coerção de consciências, uma invasão do fórum interno que os católicos identificam com o recato do confessionário."

Tais práticas — assevera Storey — "têm dado aos dirigentes um alarmante controle sobre a vida dos participantes", resultando em situações em que particularidades referentes ao pecado, que seria melhor reservar para a intimidade do confesio-

nário, tornaram-se objeto de discussão aberta dentro das comunidades. Para o professor de Notre Dame, "o padrão de uma poderosíssima liderança nacional está levando o movimento cada vez para mais longe da autêntica tradição católica".

A entrevista suscitou muita atenção.⁷ Dirigentes carismáticos declararam que as alegações eram injustas. Para Kevin Ragnan, membro da Comissão Nacional e presidente dos Serviços de Renovação Carismática, as críticas do Dr. Storey são "deveras exageradas e injustificáveis". Conquanto seja verdade que, na atmosfera espontânea da renovação carismática, tenham surgido "certos problemas teológicos e pastorais" e que determinados "aspectos da renovação são controversos e podem requerer debate dentro da Igreja", a esmagadora maioria dos participantes e dirigentes são profundamente dedicados à Igreja Católica e ufanos de seu registro de longa e franca comunicação com os bispos dos Estados Unidos da Sé Romana.⁸

Nem todos ficaram satisfeitos com a resposta. Alguns, naturalmente, quase nunca manifestaram alguma simpatia pelo movimento. "É nossa opinião — escreve, por exemplo, o redator do *National Catholic Register* — que

Multidões buscam no movimento carismático a solução para seus problemas.



o movimento carismático ou pentecostal na Igreja Católica hoje em dia constitui um fenômeno extremamente perigoso, pejado de muitos erros, e um viço de dissensões e divisão entre os fiéis e o fomentador de uma falsa espiritualidade.⁹

Outros, porém, decidiram examinar melhor as acusações de Storey e as respostas dadas. Num série de seis artigos, Rick Casey, do *National Catholic Reporter*, relatou suas descobertas sobre as comunidades do concerto e sua liderança no movimento carismático nos Estados Unidos.¹⁰ Essas descobertas são inquietantes, e embora os artigos de Casey não insinuem que a comunidade True House, em South Bend, Indiana, agora extinta, e a comunidade da Palavra de Deus, em Ann Arbor, Michigan, sejam características de todas as comunidades do concerto, indicam, não obstante, que alguns dos perigos acentuados por Storey longe estão de ser imaginários. A tentativa de Ranaghan para pôr de lado as descobertas de Casey, dizendo que elas se baseiam em fatos isolados ou que o autor é incapaz de compreender as questões que o assustam,¹¹ simplesmente tende a acentuar a relevância do pedido de Storey para uma investigação do movimento.

Na realidade, parece que se estão desenvolvendo dois tipos de interpretação dentro do movimento de renovação católico-romano. Um é descrito pela Dra. Josefina Massynderde Ford, outro erudito de Notre Dame, como um movimento fechado, rígido e autoritário caracterizado pelas comunidades do concerto em South Bend e Ann Arbor que produzem grande parte da liderança nacional de todo o movimento. O outro, maior em número, é mais aberto e espontâneo em seu desenvolvimento.¹²

As acusações estão se tornando cada vez mais específicas e veementes, especialmente no tocante às comunidades do concerto altamente estruturadas que resultaram de alguns grupos de oração. Duas são mencionadas com mais frequência: o ofuscamento das diferenças teológicas que separam os católicos romanos dos protestantes — geralmente como tentativa para construir pontes ecumênicas entre eles, e a possibilidade de uma liderança semelhante à hierarquia católico-romana, mas separada dela. Tais grupos parecem ter a

Considerando o progresso do movimento, é surpreendente que esse desenvolvimento não tenha despertado a atenção pública há muito mais tempo. As opiniões acerca da renovação católica estão divididas.

capacidade de institucionalizar padrões de governo e comunidades altamente organizadas, antes da chegada dos bispos locais para fazer recomendações e dar conselhos. A questão pode muito bem haver-se tornado eclesiológica: não tanto uma nova forma de oração como uma nova compreensão da Igreja.

O Impasse Está Sendo Desfeito

Considerando o progresso do movimento, é surpreendente que esse desenvolvimento não tenha despertado a atenção pública mais cedo. É verdade que os bispos americanos têm tido grupos estudando o movimento carismático como tal, mas tem havido pouco estudo metucioso. Parece que os teólogos ficaram tão impressionados com os bons elementos, que passaram por alto algumas coisas que poderiam haver considerado como excesso isolado. Além disso, os sacerdotes têm relutado em tomar medidas a respeito dos carismáticos por esperarem que o Papa o faça, e este tem relutado em agir por esperar que os bispos o façam.

Esse impasse está agora sendo desfeito, conforme indicam, por exemplo, as mensagens dos bispos americanos e canadenses que mencionamos mais acima. Há, porém, necessidade de ampla e cabal investigação. Os carismáticos disseram que estão dispostos a submeter-se a semelhante investigação, e o Dr. Guilherme Storey não tem exigido mais do que isso. Afigura-se que a questão é se haverá semelhante investigação, e quem a efetuará.

Os bispos, sem dúvida, têm de agir com muito cuidado e coleti-

vamente, e não de modo isolado. Qualquer ação precipitada seria deveras perigosa, pois muitas comunidades carismáticas se acham profundamente convencidas de estarem seguindo a orientação do Espírito. É provável que se as autoridades da Igreja recomendarem que elas abandonem o que consideram como inspiração, isto lhes será extremamente penoso. A opinião de Storey é que se as autoridades eclesiológicas as condenarem abertamente, "haverá um cisma".¹³

Opiniões Divergentes

As opiniões acerca da direção que será tomada pelo movimento de renovação católica estão divididas. Os que nele se acham empenhados geralmente são unânimes em sua esperança de que uma atmosfera de mútua compreensão habilitará seu movimento a ser bem sucedido na tentativa de fazer com que seus pontos principais sejam aceitos pela Igreja Católica, tornando-se, pois, indistinguível dela. Outros crêem que ele "está-se tornando cada vez mais um fenômeno *sui generis*, antes que um movimento dentro da Igreja"¹⁴, e que já foi demasiado longe, no âmbito da organização, para simplesmente dissolver-se daquela maneira. ■■

1. Para algumas informações básicas sobre as principais etapas da renovação carismática, ver *The New Catholic World*, nov.-dez. de 1974, págs. 249 em diante; e *Christianity Today*, 28 de fevereiro de 1975, págs. 9-13.

2. Quanto ao texto da mensagem dos bispos, ver *The Catholic Mind*, outubro de 1975, págs. 55-64.

3. O texto completo das observações do papa encontra-se em *Origins*, IV, 50 (5 de junho de 1975), págs. 26-28.

4. "Reforma ou Supressão: Alternativas Vistas Para a Renovação Carismática Católica", *A. D. Correspondence*, 24 de maio de 1975, págs. 2-8.

5. *A. D. Correspondence*, 24 de maio de 1975, pág. 1.

6. *Idem*, pág. 2.

7. Solicitou-se que o Sr. Reedy enviasse cópias da entrevista a todos os bispos americanos. Ver *A. D. Correspondence*, 1º de julho de 1975, pág. 1.

8. Para um sumário da resposta pública de K. Ranaghan ao Dr. W. Storey, ver *A. D. Correspondence*, 21 de junho de 1975, pág. 1.

9. *National Catholic Register*, 15 de dezembro de 1974, pág. 4.

10. A série começou com o número de 15 de agosto de 1975.

11. Ver "Carismáticos: Ranaghan Responde", *National Catholic Reporter*, 17 de outubro de 1975.

12. A Dra. Ford preparou um manuscrito sobre os carismáticos católicos a ser publicado por Harper and Row, Nova Iorque.

13. *A. D. Correspondence*, 24 de maio de 1975, pág. 8.

14. Guilherme Storey, *A. D. Correspondence*, 24 de maio de 1975, pág. 8.

Tomar Decisões

W. J. HACKETT

A índole de nosso tempo parece conferir certa distinção — se não admiração — à pessoa que ataca a Igreja e os métodos tradicionais de administração. Sem dúvida, a ênfase à pesquisa, a sede de conhecimento e novos métodos de análise que caracterizam o mundo moderno causaram essa condição. Ela não deixa de ter os seus méritos; no entanto, essa situação também intensificou a pressão sobre os pastores e oficiais das associações para se entregarem à racionalização ao chegar a decisões. A menos que resistamos a essa pressão, tenderemos a tomar a decisão que suscite menos reverberações e que nos coloque sob a luz mais favorável diante de nossos mesários ou membros.

A idéia de tomar decisões está presente em numerosas passagens da Escritura. Por exemplo, Paulo chegou a uma decisão final depois de avaliar muitas filosofias e métodos de pregação do evangelho. Disse ele: "Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e Este crucificado." I Cor. 2:2. Oxalá todas as decisões tomadas pelos pastores da Igreja Adventista se baseiem na decisão de Paulo; tudo que fazemos e dizemos deve refletir a entrega a Jesus Cristo. Se O conhecermos e Lhe dermos a primazia, isso influirá sobre todas as nossas decisões. De suma importância na vida de todos os adventistas do sétimo dia que têm de tomar decisões deve ser a relação com Jesus Cristo que os habilita a transcender meramente a sabedoria humana com suas decisões que muitas vezes são frágeis e ineficazes.

Falando da liderança, diz Ellen G. White: "Sem sabedoria divina, seu próprio espírito será entretido nas decisões tomadas por eles. Se esses homens não estiverem em comunicação com Deus, Satanás certamente estará presente em seus conselhos e tirará proveito de seu estado não consagrado." — *Testimonies for the Church*, vol. 5, pág. 560.

Tomar decisões dessa natureza está se tornando cada vez

mais difícil para os administradores de igreja, quer sejam pastores ou presidentes. Vivemos num mundo de crescente conflito e opiniões divergentes, num mundo de interesses especiais em competição. Até mesmo dentro da igreja encontramos essas pressões, devido à ampla variação em educação, experiência e habilidade entre os membros da igreja. A maioria desses indivíduos realmente são sinceros em crer que o modo condizente com seu interesse especial é melhor para a igreja. Mas o administrador fiel e honesto precisa olhar além desses interesses especiais, examinar todo o campo e encarar objetivamente toda a situação. Então, depois de buscar sinceramente a orientação divina, ele precisa ter a coragem de tomar uma decisão tendo em vista os melhores interesses de toda a igreja, da maneira como ele compreende os fatos. Naturalmente, é muito mais fácil tomar decisões com base no que será aceito com mais facilidade e que parece ser menos perturbador. Mas, como homens e mulheres chamados por Deus, não podemos adotar semelhante procedimento.

Ellen White muitas vezes traçou métodos que creio serem conselho inspirado e cujos princípios ocultos devemos procurar descobrir.

Como Igreja, temos sido grandemente favorecidos pelas mensagens especiais que nos advieram de Deus. Esse comentário divino delineia, às vezes pormenorizadamente, certos procedimentos e princípios que a Igreja

precisa seguir em sua promulgação do evangelho. Um de nossos maiores perigos é a tentação de racionalizar nossas decisões de acordo com o que for mais fácil, em vez de enfrentar, pela fé, o procedimento ditado pelo Espírito do Senhor, mesmo que pareça impossível. É tão fácil tomar decisões de acordo com o que parece ser razoável para nós, posto que, ao fazê-lo, tenhamos de desprezar a explícita instrução de Deus. A objetividade é uma qualidade tão rara que a maioria de nós só a emprega esporadicamente.

Nestes tempos decisivos, os dirigentes da Igreja devem ser extremamente cuidadosos para que suas decisões não sejam contrárias a um "assim diz o Senhor".

Nem sempre é fácil, em todas as ocasiões e circunstâncias, determinar se realmente há um "assim diz o Senhor". Afigurase-me que a Inspiração, ao acompanharmos suas atuações através da Bíblia e do Espírito de Profecia, tem pelo menos duas fases. A primeira trata da natureza dos planos de Deus, da natureza de Sua justiça e da santidade de Seu caráter, amiúde expressos em princípios alusivos ao que é certo e ao que é errado. Na segunda fase, esses princípios de justiça frequentemente se refletem em métodos. Os métodos para alcançar esses princípios duradouros talvez não sejam aplicáveis a todos os tempos. Os princípios de Deus nunca sofrem alteração, mas Seus métodos para alcançar esses princípios num mundo cambiante sempre estão sujeitos a modificações.

Ellen White muitas vezes traçou métodos que creio serem conselho inspirado e cujos princípios ocultos devemos procurar descobrir. Por exemplo, ela recomendou que as associações em seu tempo conduzissem cada ano reuniões gerais de lugar a lugar, de cidade a cidade. As antigas reuniões gerais eram em grande parte de natureza evangelística, e isso constituía um

método para realizar o plano divino de evangelizar as cidades. Hoje talvez tenhamos de alcançar esse mesmo alvo de evangelizar as cidades por outros métodos. Os princípios dados por Deus permanecem firmes, mas os métodos se modificam. Naturalmente, isso de maneira alguma deprecia a inspiração do conselho dado como método para um tempo anterior.

Como pode o dedicado dirigente de igreja que sinceramente procura tomar decisões baseadas num "assim diz o Senhor" realmente determinar qual é a vontade de Deus em determinada situação?

Tentarei empreender a arriscada tarefa de mencionar alguns princípios breves de hermenêutica para o Espírito de Profecia. A maioria deles também pode aplicar-se à interpretação da Escritura, mas de maneira alguma são exaustivos para interpretação da Escritura.

1. Deve-se afirmar e reconhecer que todo o conjunto do Espírito de Profecia é inspirado por Deus e tem plena autoridade.

2. O leitor deve encarar esses escritos com a máxima objetividade possível.

3. Deve-se considerar o significado das palavras e o uso corrente nos dias em que foram escritas.

4. As declarações sempre devem ser lidas em seu contexto.

5. Toda declaração deve ser interpretada à luz de tudo que Ellen White escreveu sobre esse determinado assunto.

6. As condições existentes quando foi dado o conselho devem ser um fator em toda aplicação interpretativa.

7. Devem ser determinados os princípios básicos que se encontram detrás de certos métodos recomendados.

8. Deve-se determinar se o método e o princípio são inseparáveis. Com frequência isto só pode ser efetuado mediante o conhecimento da configuração histórica.

9. Deve-se determinar se a passagem sob consideração é uma instrução específica a determinado indivíduo ou grupo, na qual o tempo e o lugar, as circunstâncias e condições fazem com que a instrução tenha uma aplicação mais restrita do que geral.

10. Deve-se considerar cuidadosamente o idealismo expresso nos princípios, procurando de-

terminar então se o profeta, na aplicação, permitiu um equilíbrio ditado por uma abordagem pragmática. Creio que o estudo tanto da Bíblia como do Espírito de Profecia revelaria ocasionalmente um belo equilíbrio entre o idealismo e o pragmatismo.

Havendo concluído qual deve ser a devida decisão, o dirigente de igreja necessita de fortaleza para seguir sua convicção. A qualidade mais necessária neste tempo de pressões e grupos de pressão é a coragem. Não me refiro à coragem física, e, sim, à espécie de coragem que habilita um homem ou uma mulher a colocar-se à altura das responsabilidades e tomar uma posição quando a situação o requerer. A falta desse tipo de coragem amiúde exclui de posições de liderança a muitas pessoas que de outro modo seriam bem qualificadas. Mais administradores fracassam por falta de coragem para tomar decisões impopulares mas corretas, do que por falta de conhecimento técnico ou habilidade.

Às vezes é a falta de tomar alguma decisão que lança uma nuvem sobre a liderança de uma pessoa. Em geral, as pessoas hesitam em tomar decisões; parece ser mais confortável permanecer na indecisão. A procrastinação em tomar uma decisão é uma doença de demasiados dirigentes de igreja. Alguns agem como se os problemas desaparecessem sem que seja necessário tomar uma decisão, se for permitido que decorra o tempo suficiente. Mas o preço da liderança envolve o risco de tomar decisões. Um dirigente às vezes tem de arriscar seu futuro por causa de decisões ousadas, justas e imparciais. Ellen White escreveu para um indivíduo: "Muito se pode fazer no sentido de exercitar a mente para vencer a indolência. Há ocasiões em que se tornam necessárias cautela e grande deliberação; a precipitação seria loucura. Mas mesmo nesses casos, muito se tem perdido por demasiada hesitação. Exige-se até certo ponto, cautela; mas a hesitação e a prudência em determinadas ocasiões, têm sido mais desastrosas do que teria sido um fracasso devido à precipitação. Meu irmão, precisas cultivar prontidão. Chega de sua maneira hesitante!... Sua morosidade de decisão em conexão com a causa e a obra de Deus às vezes é dolorosa. Ela não é absolutamente necessária. Ação imediata

e decisiva pode realizar grandes resultados... A habilidade de realizar as coisas com presteza, e não obstante, fazê-lo cabalmente, é uma grande aquisição." — *Testimonies for the Church*, vol. 3, pág. 498.

Os dirigentes na Igreja de Deus hoje em dia precisam tomar claras decisões com prontidão. Devem decidir as questões, não com base na conveniência nem nas pressões que incidem sobre eles, mas na convicção de que a decisão a que chegaram está em harmonia com a vontade de Deus e que é mais correta para o êxito de Sua obra total. As perguntas que seguem, aplicadas às decisões que tomamos, podem ajudar-nos a ser essa espécie de dirigente:

1. Deus falou sobre o assunto, e examinei a Palavra inspirada, incluindo o Espírito de Profecia, para obter informações que podem influir sobre minha decisão?

2. Busquei a Deus em oração, para que minha decisão possa ser tomada à luz da vontade de Deus e com imparcialidade em relação a meus irmãos?

3. Se minha decisão se baseia em específico conselho espiritual, tenho fé para crer que Deus agirá, providencialmente se necessário, para vindicar Sua Palavra?

4. É minha decisão, nalgum sentido, um afastamento dos princípios?

5. Minha decisão estará em harmonia com os melhores interesses da Igreja de Deus e de Seu povo?

6. Esta decisão é tomada à luz da "Regra Áurea"?

7. Minha decisão será justa para com todas as pessoas envolvidas?

8. É minha decisão, nalgum sentido, afetada por interesses pessoais ou egoístas, desejo de popularidade, favor ou remuneração financeira?

9. Estou tomando uma decisão para o benefício de grupos com especial interesse, meramente para evitar críticas?

10. Minha decisão é punitiva sem causa justa?

Seu Estimulante Está-lhe Abatendo o Ânimo?

11. Posso manter o respeito pessoal com semelhante decisão?

12. Esta decisão produzirá resultados duradouros e permanentes, ou apenas ocasionará alívio temporário?

13. O preconceito pessoal influenciou em minha decisão?

14. Esta decisão é tomada para amparar e fortalecer minhas conjecturas, em vez de estar baseada em evidências disponíveis?

15. Minha decisão se baseia em pesquisas adequadas, sendo aberta e objetivamente considerados todos os fatos da questão?

16. Minha decisão é influenciada por pressões alheias?

17. Examinei as provas para ver que minha avaliação dos fatos é estritamente honesta?

18. Minha decisão é influenciada por preconceitos culturais ou raciais?

19. Esta decisão resistirá à prova decisiva de exposição ou publicidade, sendo ainda considerada objetiva?

20. Minha decisão é tomada por um coração compassivo que evita ofender pessoas, de preferência a aderir a estrita integridade?

21. Esta decisão é necessária para o avanço do projeto?

22. Outro método ou outro procedimento seria tão bom como o meu? Poderia eu causar maior unidade com um método alternativo?

23. Minha decisão seria desnecessariamente divisória?

24. Esta decisão é tomada principalmente para mostrar minha autoridade?

25. Estou disposto a sofrer as possíveis conseqüências de minha decisão?

26. Escolhi conselheiros ou designei indivíduos para uma comissão que irá tomar alguma decisão por causa de seu preconceito em minha direção ou sua disposição para inflar meu ego?

Aquela xícara de café que tantas pessoas necessitam a fim de ir passando de manhã cedo pode estar fazendo algo mais do que simplesmente manter os olhos abertos. Com efeito, a longa lista de problemas de saúde que o café parece estar causando é um verdadeiro "abridor de olhos".

DR. LEO R. VAN DOLSON

Redator, pastor e educador de saúde, nos EE.UU.

Quando o prestigioso *New England Journal of Medicine* veio a lume com sua recente reportagem relacionando o café com o câncer do pâncreas, ele meramente avolumou o coro de vozes científicas que atualmente põe em dúvida o uso do café e outros produtos que contêm cafeína.

Embora os cem milhões de americanos que tomam café diariamente não encarassem essas reportagens com suficiente seriedade para reduzir significativamente a quantidade que estão usando, sem dúvida nenhuma as mãos que seguram as xícaras de café da nação estão tremendo um pouco mais como resultado desse bombardeio de más notícias. Com efeito, alguns usuários estão sentindo que seu estimulante diário está agora lhes abatendo o ânimo.

Tem sido de conhecimento geral, por muitos anos, que a cafeína contida no café ocasiona uma porção de problemas de saúde, desde insônia e nervosismo até problemas cardiovasculares. Durante a Segunda Guerra Mundial, experimentadores na Alemanha aprenderam que "embora a cafeína fosse um forte estimulante mental, resultava em in-

desejabilíssima debilitação da coordenação motriz (no tiro ao alvo, na escrita e na condução simulada de automóveis). Também houve um efeito de "ressaca", no qual a eficiência mental, depois de haver sido melhorada, caiu abaixo dos valores normais — de uma a três horas após a ingestão do estimulante."¹

Então veio um relatório, mais tarde posto em dúvida, do Dr. Filipe Cole, da Escola de Saúde Pública de Harvard, dizendo que entre as mulheres que tomavam uma ou mais xícaras de café por dia o risco de contrair câncer da bexiga era duas e meia vezes maior do que entre as que não usavam café.²

Em 1972, a revista inglesa *Lancet* intensificou o ataque à bebida que substituiu gradualmente o chá na América, nos anos que se seguiram à Boston Tea Party. Com base nas descobertas do Programa Colaborativo de Vigilância Sobre Medicamentos, relatava que os que tomam café têm até duas vezes e meia maior risco de ataques cardíacos do que aqueles que não tomam café.³

Então a Faculdade de Medicina Vanderbilt apresentou um es-



Eric

Sem dúvida a cafeína ocasiona uma porção de problemas de saúde.

tudo que indicava um aumento mensurável da pressão sanguínea devido ao uso da cafeína. Depois, em abril de 1980, *The Nation's Health* divulgou um estudo da Food and Drug Administration (FDA) com ratos de laboratório, o qual indicava que alimentos e bebidas que contêm cafeína podem ser responsáveis por deformidades fetais. Segundo consta, o FDA pretende requerer que os recipientes de tais produtos como o café e o chá contenham rótulos advertindo que as mulheres grávidas devem restringir seu consumo dessas bebidas.⁴

Atualmente, as gestantes são aconselhadas a evitar produtos que contêm cafeína, porque estudos adicionais têm indicado que essa substância pode passar da corrente sanguínea da mãe para o feto, através da placenta. A cafeína também se manifesta no leite materno.

Além disso, há preocupações com as crianças de menos de oito anos de idade que tomam bebidas leves que contêm cafeína, as quais podem prejudicar o desenvolvimento de seu cérebro e o do sistema nervoso central.

As evidências desse possível

dano são tão fortes que o Dr. Sanford Miller, diretor do Departamento de Alimentos do FDA dos Estados Unidos, adverte: "Minha recomendação é que se pertenceis a um grupo suscetível (gestantes ou criancinhas cujo cérebro ainda está em desenvolvimento), deveis restringir a ingestão de cafeína. É o que dita a prudência. Por que arriscar-se?"⁵

Câncer Pancreático Ligado à Ingestão de Café

Como se essa crescente evidência de riscos de saúde não fosse suficiente para encher de amargor, até às bordas, a xícara dos afeiçoados ao café, o relatório mais recente associa a ingestão de café com o câncer pancreático — uma enfermidade que causa anualmente mais de 20.000 mortes nos Estados Unidos.

Como resultado da interrogação de 369 pacientes de câncer do pâncreas, bem como de 644 pacientes sob controle, quanto ao seu uso de fumo, álcool, chá e café, um grupo de pesquisadores da Universidade Harvard chegou à conclusão de que há "forte relação entre o consumo de café e o câncer pancreático". Isto era

"evidente em ambos os sexos".⁶ O risco dos consumidores de uma a duas xícaras de café por dia, em comparação com os que não tomavam café, era de 2,1 vezes; para os que tomavam três a quatro xícaras por dia, 2,8 vezes; e para os que tomavam cinco ou mais xícaras por dia, 3,2 vezes.⁷

A descoberta de que há uma "relação" não estabelece uma conexão causal. Mas os cientistas de Harvard comentaram "ser digno de nota que alguns dos aspectos descritivos da epidemiologia do câncer do pâncreas parecem ser consentâneos com semelhante relação. O evidente aumento na frequência do câncer pancreático em décadas recentes e os baixos índices observados nos mórmons e nos adventistas do sétimo dia seriam compatíveis com um papel causativo para o consumo de café ou para o hábito de fumar cigarros. No entanto, o relativamente pequeno excesso de homens com essa enfermidade em proporção com as mulheres parece denotar que isso tem mais relação com o café do que com os cigarros."⁸

O câncer do pâncreas é a quarta doença maligna mais comum e fatal nos Estados Unidos. Os

cientistas de Harvard calculam que "a proporção do câncer pancreático potencialmente atribuível ao consumo do café é pouco mais de cinquenta por cento."⁹

Assim avolumam-se as evidências de que o café é potencialmente prejudicial à saúde. Isso não deve constituir uma surpresa para os que compreendem que há 75 a 155 miligramas de cafeína numa xícara de café (mais na infusão de café, e menos no café instantâneo). Essa poderosa substância influi sobre o sistema nervoso central, causando irregularidade nas pulsações do coração, contraindo os vasos sanguíneos, fazendo que o cérebro continue trabalhando quando deveria descansar, e causando insônia. Também eleva a pressão sanguínea. Mas os seus efeitos são seguidos, diversas horas mais tarde, de fadiga e diminuição de vivacidade. Ingerir cafeína em grandes quantidades às vezes ocasiona tremores, agitação e zumbidos. Tomar diariamente uma substância química tão forte como essa não pode deixar de ser nocivo.

O café não é a única bebida que contém cafeína. Uma xícara de tamanho médio de infusão de chá-da-índia contém 28 a 44 mg, e uma xícara de chá instantâneo, pode conter até 131 mg. Uma lata de refrigerante à base de cola contém 32 a 65 mg de cafeína. A maioria das pilulas para manter as pessoas acordadas, dos diuréticos e alguns comprimidos para dor de cabeça também contém cerca de 40 mg de cafeína. O FDA calcula que nos Estados Unidos, cada ano, é acrescentado um milhão de quilos dessa substância química a alimentos e be-

vidas. Com efeito, as bebidas à base de cola precisam conter cafeína.

Como é de esperar, os fabricantes que elaboram produtos que contêm cafeína insistem em afirmar que até agora os estudos não provam os perigos potenciais da cafeína. Tampouco é certo que a cafeína do café é responsável pela relação entre a ingestão dessa bebida e o câncer pancreático. Na realidade, uma pesquisa recente descobriu que havia mais casos de câncer pancreático entre os que agora bebem café descafeinado. Os pesquisadores salientam, porém, que o uso do café descafeinado é um fenômeno recente que geralmente reflete regular e elevado consumo de café no passado, e que o fator-tempo envolvido no desenvolvimento dessa espécie de câncer denota não ter sido o café descafeinado que causou os casos de câncer observados.¹⁰

Como Romper o Hábito de Tomar Café

Se estiverdes entre os que têm planos de abandonar o café devido às questões de saúde que agora estão sendo suscitadas, que pretendes fazer neste sentido? Eis algumas sugestões exequíveis:

1. Tomar um bom desjejum para manter elevado nível de energia durante a manhã.

2. Visto que os nervos reagirão à privação da cafeína, necessitareis de toda a vitamina B que puderdes obter de fontes naturais. Eliminaí as sobremesas e doces e ingeri frutas, cereais e

verduras em abundância.

3. Substituí as bebidas de cereais e os chás de ervas durante algum tempo, se for necessário. Melhor ainda, tomai um copo de água meia hora antes de comer, e então evitai beber algo nas refeições. Certificai-vos de tomar pelo menos seis copos de água por dia.

4. Parai de fumar. Tomar café e fumar se acham tão intimamente relacionados para a maioria das pessoas, que um acompanha automaticamente o outro.

5. Em lugar do costumeiro "cafezinho" efetuai uma breve e rápida caminhada, respirando profundamente. Este é um dos hábitos mais benéficos que podeis formar.

6. Relaxai-vos freqüentemente, provei-vos de sono adequado e tomai diariamente um banho quente.

7. Se sois pessoas religiosas, esta é a ocasião de lançar mão dos recursos espirituais. Especialmente quando o desejo é forte, deveis passar alguns minutos em oração, rogando o auxílio divino.

Depois de seguir estas sete sugestões, logo notareis que vos estais sentindo bem melhor e vigorosos do que ao usar café ou outros alimentos e bebidas cafeinizados. Esses hábitos salutareis dar-vos-ão um estímulo que nunca vos deixará abatidos. ❧

1. H. A. de Vries, *Physiology of Exercise* (Dubuque, Iowa: Wm. C. Brown Publishers, 1966), pág. 395.

2. "O Quê — Também o Café?", *Newsweek*, 12 de julho de 1971, pág. 82.

3. "A Ingestão de Café e o Infarto do Miocárdio Agudo", relatório do Programa Colaborativo de Vigilância Sobre Medicamentos, de Boston, *Lancet*, 16 de dezembro de 1972, págs. 1.278-1.281.

4. Associação Americana de Saúde Pública, "Possíveis Riscos Encontrados na Cafeína", *The Nation's Health*, abril de 1980, pág. 11.

5. Molly Sinclair, "O Estimulante de Cafeína Preferido Pelos Americanos Passa a Ser Atacado", *Washington Post*, 23 de março de 1981, pág. A-10.

6. Dr. Brian MacMahon e outros, "O Café e o Câncer do Pâncreas", *New England Journal of Medicine*, 12 de março de 1981, pág. 630.

7. *Idem*, pág. 631.

8. *Idem*, pág. 632.

9. *Idem*, pág. 633.

10. R. S. Lin e H. Kessler, "Um Modelo Multifatorial Para o Câncer Pancreático no Homem: Evidências Epidemiológicas", *JAMA*, vol. 245 (1981), págs. 147-152.



ERIO

EVANGELISTA NAS RESIDÊNCIAS

Milhões de habitantes de cidades estão comodamente instalados em altos prédios de apartamentos. Evangelizar essas "vilas verticais" pode requerer alguns métodos pouco ortodoxos. Talvez não concordeis com a proposta do autor; ela certamente estimulará, porém, o vosso pensamento.

DR. C. RAYMOND HOLMES

Coordenador do Departamento de Igreja e Ministério do Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia, nas Ilhas Filipinas.

Como o senhor evangelizaria uma cidade como Singapura? Essa pergunta surgiu reiteradas vezes durante o recente curso de extensão que ministrei no Colégio União da Ásia Sul-Oriental. Havia vinte e sete pastores matriculados no curso. Achei estranho que eles perguntassem para mim, um estrangeiro no Extremo Oriente, como Singapura devia ser evangelizada. Comecei, portanto, a interrogá-los. Qual era seu maior problema na evangelização em Singapura? Eis a resposta: impelir os moradores a assistir às tradicionais reuniões evangelísticas. Meus alunos disseram-me que quando é planejada uma campanha evangelística, são gastos milhares de dólares e muita energia para persuadir as pessoas a comparecer às reuniões para ouvir o orador. Um programa de publicidade bem planejado, utilizando milhares de cartazes, impressos e volantes, é posto em operação. Dispendioso espaço no rádio e na televisão é adquirido para anunciar as reuniões. Mas a reação é mínima.

Qual é o problema? Como induzir as pessoas a saírem de seus confortáveis apartamentos em prédios de grande altura e assistirem a reuniões evangeli-

cas? Esses prédios são o aspecto mais proeminente de Singapura. Não se pode olhar para lado algum sem ver uma porção desses apartamentos, e são erguidos outros mais, segundo o permitem o dinheiro e os homens. Viver nas alturas não somente é o estilo de vida atual, mas determinará a estrutura social de Singapura por longo tempo no futuro. Devido à escassez de terrenos disponíveis, e com o rápido aumento da população, não há espaço para expansões horizontais. Estas só podem ser verticais.

Viver em tais condições tende a isolar as pessoas umas das outras. É muito mais fácil esquivar-se e permanecer distante dos assuntos da comunidade quando o espaço para morar se expande para o alto em estruturas de numerosos apartamentos. Semelhante sistema de vida ocasiona graves problemas sociais e comunitários. E também suscita graves problemas evangelísticos. As pessoas que se encastelam em seus apartamentos que se elevam a grande altura, tendo de subir muitos andares para chegar em casa depois de um dia de penoso trabalho, não se abalarão com facilidade a sair de lá, à noite, para assistir a uma reunião religiosa.

Estamos, então, gastando nosso orçamentos evangelísticos naquilo que não convém? Estamos encerrados em meios tradicionais de efetuar as atividades evangelísticas? Será que a nova situação em Singapura e noutras partes do mundo requer uma nova maneira de encarar o evangelismo e uma nova forma de conduzir o preparo de obreiros evangélicos?

Permiti-me partilhar convosco algumas das coisas que me vieram à mente enquanto eu estava em pé na minha sala de aulas, no Colégio União da Ásia Sul-Oriental e contemplava Singapura com a pergunta de meus alunos repercutindo nos ouvidos: "Como o senhor evangelizaria um lugar como este?"

Em primeiro lugar, ocorreu-me que cada um daqueles altos prédios de apartamentos era uma vila ou um bairro em posição vertical. É-nos declarado que há uma coisa que um dedicado missionário fará para alcançar as pessoas na localidade em que ele trabalha: morará entre elas.

Em segundo lugar, se as pessoas não querem sair desses edifícios, então precisamos ir ter com elas — não para organizar um tipo tradicional de reunião

evangelística em alguma parte do prédio, pois nesse caso ainda enfrentaríamos o problema motivacional, mas ir e viver com eles.

Em terceiro lugar, em vez de gastar tanto dinheiro em propaganda e publicidade, talvez devessemos investi-lo no pessoal. Por que não pagar um salário a um obreiro solteiro ou preferivelmente a um casal e enviá-los para que residam num desses apartamentos de grande altura, com as pessoas a serem evangelizadas?

Em quarto lugar, lembrei-me de que o ministério-modelo no Novo Testamento é o de um servo. Por que não pagar uma nova espécie de evangelista para que resida entre as pessoas de alta categoria e desenvolva uma penetração evangelística voltada para o serviço, em vez de uma penetração voltada para a pregação?

Isto também se prestaria ao evangelismo de longa duração baseado em relações, antes que ao evangelismo de curta duração baseado em reuniões e sermões.

Em quinto lugar, ocorreu-me que grandes empresas gastam uma parte de sua renda em pesquisas. Não poderia a Igreja fazer a mesma coisa? Não poderíamos gastar uma parte de nosso orçamento evangelístico para experimentar tal espécie de evangelismo de alto padrão, a fim de ver se produzirá efeito ou para aprender o que precisa se realizado para que dê resultado?

Não seria dinheiro bem empregado recrutar uma equipe composta de um casal altamente habilitado que estivesse disposto a dedicar-se a uma nova espécie de evangelismo? Ter-se-ia de inaugurar um tipo especial de preparo, com forte ênfase ao modelo de ministério de um servo. Sob a cuidadosa e sensível direção de um departamento de crescimento de igreja, da Divisão ou Missão, esta nova espécie de evangelista teria de ter liberdade para experimentação e inovação. Durante a fase inicial e experimental de semelhante projeto-piloto, haveria muita coisa a ser aprendida pela Igreja para conseguir adestrar e preparar mais equipes de evangelistas da índole de servos, em residências.

"Como o senhor evangelizaria uma cidade como Singapura ou outra cidade parecida?" Uma forma poderia ser por meio de evangelistas nas residências! ❧

Creio em Jesus Cristo

"Cremos no... Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado do Pai, unigênito, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, Luz de Luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado, não criado, da mesma substância que o Pai, por meio de quem foram feitas todas as coisas, tanto no Céu como sobre a Terra; o qual por nós, homens, e para nossa salvação desceu e Se fez carne, e tornou-Se homem, sofreu, e ressuscitou no terceiro dia, e ascendeu aos Céus, e virá para julgar os vivos e os mortos." — The Creed of Nicea.

DR. RAOUL DEDEREN

Professor de Teologia no Seminário Teológico da Universidade Andrews

No centro da religião cristã está Jesus Cristo. Nossa religião não é, em primeiro lugar, a aceitação de um credo ou de certo número de crenças fundamentais claramente definidas. Em sua essência mais íntima, é a entrega a uma Pessoa. Ser cristão significa dizer Sim a Cristo, e fazê-lo sem reservas.

O mesmo se pode dizer da mensagem cristã. O evangelho é sobre uma Pessoa. Ele versa sobre um acontecimento no centro do qual está Jesus Cristo. NEle Deus tem agido e falado. Ele veio em Jesus Cristo. As Escrituras do Novo Testamento atribuem suprema importância a Jesus de Nazaré, "nascido de mulher" (Gál. 4:4), mas existindo antes de Abraão (ver S. João 8:58). O cristianismo não remonta simplesmente a uma primitiva comunidade de crentes; está arraigado em Jesus de Nazaré.

Mas, quem é Jesus? Simplesmente um judeu do primeiro século? É difícil admitir que um homem do primeiro século, por mais importante que seja, tenha dito a última palavra sobre todas essas questões. A recomendação de que nos entreguemos a Ele como pessoa tem inferências ainda mais alarmantes. Quem é Ele?

Ele certamente era um homem. Seus primeiros discípulos não tinham dúvida acerca da ge-

nuína humanidade do homem de Nazaré. Referiam-se a Ele como "varão aprovado por Deus" (Atos 2:22), homem ungido "com o Espírito Santo" e que "andou por toda parte, fazendo o bem" (Cap. 10:38). Ao mesmo tempo, eles afirmavam que viam a Deus em todo aspecto de Sua obra — no passado, presente e futuro. Ele era, diziam, nada menos que divino. Rememorando Sua vida terrestre, encaravam os milagres realizados por Ele como "sinais" de Deus, isto é, atos de Deus que acompanhavam a Jesus e O investiam de significação revelacional (ver Caps. 2:22; 10:38). Também O encaravam como objetivo das profecias do Velho Testamento, tanto em termos gerais (ver Caps. 7:52; 10:43) como no tocante a tais acontecimentos especiais como a crucificação (ver Cap. 3:18) ou a ressurreição (ver Cap. 2:25-31). Embora alguns desprezassem a Jesus e O rejeitassem, Deus — asseveravam eles — O glorificou (ver Cap. 3:13), exaltou-O à Sua própria destra (ver Cap. 2:33) e, segundo declara o primeiro sermão cristão a ser registrado, "O fez Senhor e Cristo" (verso 36). Deus O escolheu para ser Juiz de todos, tanto dos vivos como dos mortos (ver Caps. 10:42; 17:31).

Sua cristologia pode não ter sido, desde o princípio, muito desenvolvida. Talvez tenhamos de

esperar até que cheguemos a alguns dos escritos mais teológicos do Novo Testamento para tais declarações formais e sistemáticas, mas essas afirmações antigas contêm todas as matérias-primas para uma minuciosa doutrina cristã da pessoa e obra de Cristo

Os escritores do Novo Testamento também gostavam de considerar a Jesus como estando em mui íntima comunhão com o Pai. Paulo, por exemplo, está tão acostumado a conceber o Pai e o Filho como estando intimamente relacionados, que atribui muitos dons e graças indiferentemente a um ou outro. Assim, o evangelho é o evangelho de Deus bem como o evangelho de Jesus Cristo, poucos versos mais adiante (Rom. 1:1 e 16). Os dois são tão chegados que quase não importa que nome é usado. O perdão é de Deus ou de Cristo (ver Colos. 2:13; 3:13) ou de Deus por amor a Cristo (ver Efés. 4:32). Um dia compareceremos perante o tribunal de Deus, que também é mencionado como tribunal de Cristo (ver Rom. 14:10-12; II Cor. 5:10). E, se bem que no Velho Testamento o grande dia no fim do mundo, quando será efetuado o juízo, é o "dia do Senhor", ele também é descrito como "dia de nosso Senhor Jesus Cristo" (I Cor. 1:8; cp. Rom. 2:16). Como poderia alguma coisa demonstrar mais surpreendentemente o lugar conferido a Cristo na mente dos cristãos primitivos do que o espetáculo de convictos judeus monoteístas atribuírem tão livremente funções e atributos divinos a Jesus de Nazaré?

O Evangelho de S. João começa com a desconcertante declaração: "No princípio era o Verbo." Essa expressão é estranha para nós e quase não sabemos que fazer com ela. Mas o vocábulo *logos* (verbo) era comum no primeiro século. É precisamente nesse sentido (que, como João sabia, judeus e gregos o compreenderiam e apreciariam), que o apóstolo afirmou ser Jesus de Nazaré responsável por toda a criação, bem como pela concessão da verdadeira luz a homens e mulheres (ver S. João 1:3, 4 e 9). Para João, o *logos* com o qual seus contemporâneos estavam tão familiarizados era uma pessoa e nada menos do que Deus (v.1).

Havendo enunciado a essencial divindade de Cristo, João passa a declarar que ocorreu uma encarnação: "O Verbo Se

Os escritores do Novo Testamento gostavam de considerar Jesus estando em íntima comunhão com o Pai.

fez carne." V. 14. Anos antes Paulo fizera uma declaração similar: Aquele que subsistia em forma de Deus assumiu "a forma de servo, tornando-Se em semelhança de homens" (Filip. 2:7). Deus, o Filho, tornou-Se homem; ocorreu uma união tão íntima entre Deus e a criada natureza humana que um Homem, Alguém de nossa própria raça, podia dizer: "Sou Deus." Em determinado momento da História, Deus, o Filho, entrou neste mundo de maneira sem igual e sem precedente e começou a existir como homem! A Encarnação não pode ser explicada pelo que sucedeu antes; tem de ser ligada por uma linha vertical diretamente com Deus.

Embora seja deveras arrogante afirmar que podemos conhecer a mente de Cristo, não ficamos sem evidências do conceito que Jesus tinha de Si mesmo. Entre outras coisas, Ele sabia que era Filho de Deus num sentido singular (S. Luc. 2:41-52; S. João 20:17; 5:17 e 18), bem como o Filho do homem, o qual tem autoridade para perdoar pecados e é Senhor do sábado (S. Mar. 2:10 e 27). A compreensão que Cristo tinha de Si mesmo evidencia-se vividamente nas grandiosas declarações "Eu Sou" registradas no quarto Evangelho. "Eu sou o pão da vida" (S. João 6:35) e "Eu sou a luz do mundo" (Cap. 8:12) são afirmações singulares; como também: "Eu sou a ressurreição e a vida" (Cap. 11:25) ou "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida" (Cap. 14:6). Essas declarações não poderiam ter sido mais abrangentes e universais. Parece difícil evadir-se à conclusão de que na mente de Jesus havia clara conexão entre Ele mesmo e o grande *Eu Sou* como o nome de *Yahweh* no Velho Testamento (Êxo. 3:13 e 14). Vemos isto com maior clareza noutra declaração de Cristo: "Antes que Abraão existisse, Eu sou." S. João 8:58.

Os que ouviram isso estavam tão cientes das inferências dessa declaração que "pegaram em pedras para atirarem nEle" (v.59).

Embora fosse plenamente Deus, Jesus era também plenamente homem, segundo testificam os escritores do Novo Testamento, os quais nos dizem que Ele "crescia... e Se fortalecia" (S. Luc. 2:40) e "crescia... em sabedoria [e] estatura" (v. 52), e que "aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu" (Heb. 5:8). Eles no-Lo apresentam como tendo fome (S. Mat. 4:2) e sede (S. João 19:28) e sentindo necessidade de dormir e descansar (S. Mat. 8:24; S. João 4:6). Podia manifestar amor e compaixão (S. Mar. 10:21; S. Mat. 9:36) e precisava ser amparado pela oração (S. Mat. 14:23; S. Luc. 6:12).

Contudo, da maneira mais natural, Cristo dizia-Se possuidor de uma vida sem pecado (S. João 8:46), e isso, evidentemente, nunca foi contestado por Seus inimigos. Os escritores do Novo Testamento reiteraram-no livremente (S. Luc. 1:35; S. Mar. 1:24; II Cor. 5:21; Heb. 4:15; I S. Ped. 1:19; I S. João 3:5). Não quero asseverar aqui que a vida sem pecado de Cristo surgiu de alguma necessidade automática de Sua natureza que, por exemplo, O colocasse acima da tentação. Conquanto Ele fosse sem pecado e livre de tendências ou propensões para o mal, realmente foi tentado ao máximo. "Tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado", especifica o autor da Epístola aos Hebreus (Cap. 4:15). A realidade das tentações de Cristo constitui considerável parte das evidências de Sua natureza humana. Essa realidade é acentuada pelo relato do encontro de Cristo com Satanás, no deserto (S. Mat. 4:1-11) e pela angústia que Ele sentiu no Jardim do Getsêmani (S. Luc. 22:39-46), para não mencionar outras coisas. Evidentemente, a vida sem pecado por parte de Jesus não resultou tanto de alguma necessidade automática de Sua natureza como da constante entrega de Si mesmo ao Pai.

Ele provavelmente descreveu Seu papel da melhor maneira possível ao declarar que o "Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos" (S. Mar. 10:45). Outrossim, o evangelho que Paulo recebeu e transmitiu começava declarando que "Cristo morreu pelos nossos pe-

cados, segundo as Escrituras" (I Cor. 15:3). Seria difícil exagerar a importância da morte de Jesus no Novo Testamento, cujos autores se ocupam em mostrar como essa morte ocorreu historicamente e o que ela significa teologicamente. Isto constitui, na verdade, o próprio âmago da mensagem do evangelho. Para Paulo, era essencialmente um ato de Deus, ou melhor, o ato de Deus, e absolutamente central. Ele tornou-o o centro de sua mensagem (Gál. 6:14; I Cor. 2:2).

Era fundamental para Paulo que Cristo houvesse morrido "pelo" pecado e sido crucificado "pelos" homens. Cristo, explica ele, "foi entregue por causa das nossas transgressões" (Rom. 4:25), "morreu pelos nossos pecados" (I Cor. 15:3) e "Se entregou a Si mesmo pelos nossos pecados" (Gál. 1:4). O próprio Salvador retratou Sua morte sob este aspecto ao comentar: "Isto é o Meu corpo oferecido por vós; fizeti isto em memória de Mim." S. Luc. 22:19. Por isso dizemos que a morte de Cristo foi "vicária", isto é, Ele morreu pelos outros ou para benefício deles. Tem havido grandes diferenças de opinião a respeito das palavras "por vós", e freqüentemente se tem feito distinção entre "em vosso favor" (*hyper*) e "em vosso lugar" (*anti*). Creio que a Escritura não autoriza uma distinção tão radical. "Em lugar de" e "em favor de" não contradizem nem excluem um ao outro. A cruz é maior do que qualquer definição e mais significativa e profunda do que qualquer explicação. A morte de Cristo foi plenamente "em favor de" porque ocorreu "em lugar de". Sua morte foi vicária e substituinte, e uma demonstração do amor de Deus. De fato, como João declara, "nisto consiste o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que Ele nos amou, e enviou o Seu Filho como propiciação pelos nossos pecados" (I S. João 4:10).

Contudo, uma teologia da redenção que desse exclusiva atenção à morte de Cristo inevitavelmente seria desequilibrada e de pauperada do ponto de vista bíblico. Na realidade, o evangelho recebido e proclamado por Paulo, a que aludimos mais acima, não somente revelou "que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, mas acrescenta imediatamente: "e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Es-

crituras" (I Cor. 15:3 e 4). Paulo proclama que a morte e a ressurreição de Jesus pertenciam juntas ao próprio centro do evangelho. Sua relutância em falar de uma sem a outra se reflete em Romanos 8:34: "Cristo Jesus quem morreu, ou antes, quem ressuscitou." Há um laço indissolúvel que une a morte e a ressurreição de Jesus Cristo no ministério da salvação.

A ressurreição de Cristo ocupa uma posição central na fé cristã. Com base em sua experiência da ressurreição, os primeiros discípulos encaravam a vida e a morte de Jesus numa luz inteiramente nova. A ambigüidade e a sensação de derrota que os circundavam desapareceram. Provavelmente, sua fé na ressurreição foi o principal fator que levou a igreja primitiva a reconhecer a divindade de Jesus. E logo que os crentes primitivos aceitaram Sua divindade, começaram, sob a orientação do Espírito, a lançar os fundamentos da doutrina da Encarnação, proclamando que Jesus era o Verbo que Se fez carne (S. João 1:14). Da doutrina da Encarnação eles foram inevitavelmente conduzidos à *preexistência* de Jesus (v. 1. Filip. 2:5-9) e ao assunto de Sua relação com toda a criação e com a história da salvação (Colos. 1:15-20; Rom. 8:19-22; Efés. 1:9, 10, 22 e 23). A mensagem do Novo Testamento tornou-se, e ainda é, a mensagem do Senhor ressurrecto, pois a ressurreição de Cristo é o princípio e não o fim da história.

Os escritores do Novo Testamento também não separavam a ressurreição da ascensão de Cristo. À sua vista, a ressurreição, a ascensão e a posição atual de Cristo à "destra de Deus" são todas resultado de uma só ação da parte de Deus ao vindicar a Cristo depois de Sua humilhação na cruz (Rom. 8:34; Filip. 2:8 e 9; Efés. 1:20 e 21).¹ As duas, porém, permanecem bem distintas. É uma coisa afirmar que Jesus ressuscitou dentre os mortos; declarar que Ele partilha agora da soberania de Deus sobre o Céu e a Terra, é outra coisa, embora esteja intimamente relacionada com a primeira. Pois isto é realmente o que a ascensão de Cristo proclama. Ela afirma que Cristo, ressuscitado dentre os mortos, é ao mesmo tempo Rei e Sacerdote. Como Rei, Ele partilha do trono de Deus, tendo toda a autoridade no Céu e na Terra (S. Mat. 28:18; Atos 2:33; I Cor. 15:25;

Heb. 1:3; I S. Ped. 3:22). Ele ocupa incomparável posição de dignidade e honra à mão direita de Deus. Mas também é Sacerdote.

À destra de Deus Ele faz intercessão por nós (Rom. 8:34; Heb. 7:25; 9:24; I S. João 2:1 e 2). O sacerdócio de Cristo é mais plenamente elucidado na Epístola aos Hebreus, onde o apóstolo retrata o Cristo ressurrecto como nosso "Sumo Sacerdote" (Caps. 2:17; 7:26), o qual "a Si mesmo Se ofereceu sem mácula a Deus" (Cap. 9:14). Ele é ao mesmo tempo Sacerdote e Sacrifício, não nos conduzindo a um "santuário feito por mãos", e, sim, ao verdadeiro santuário, o santuário celestial, comparecendo "por nós" à presença de Deus (vs. 11-15 e 24; Cap. 10:19 e 20). Sua obra é *por nós*; e também está *em nós* (Cap. 10:16). Só nEle somos "aperfeiçoados" ou nos tornamos "completos" (Caps. 2:10-18; 10:14).

Ele é nosso Mediador (Caps. 8:6; 9:15; 12:24). E isto num sentido muito mais amplo do que é indicado pela tradução usual. Ele não está *entre* Deus e o homem. Não é apenas um terceiro personagem entre Deus e o homem; é infinitamente *mais* do que isso. NEle, que tanto é humano como divino, Deus e o homem se encontram diretamente. Não é um intermediário. Como verdadeiro Deus, traz Deus ao homem; e como verdadeiro homem, conduz o homem a Deus. É "misericordioso e fiel Sumo Sacerdote nas coisas referentes a Deus" (Cap. 2:17).

Seu sacerdócio mediador chegará, porém, ao fim; pois, segundo infere a mesma Epístola, "Cristo, tendo-Se oferecido uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, não para lidar com o pecado, mas para salvar os que O aguardam ansiosamente" (Cap. 9:28, versão inglesa). Jesus sabia que haveria um tempo na Terra em que os Seus discípulos teriam de empreender sua obra sem a visível presença do Mestre (S. João 7:34-36; 13:33; 14:1 e 2). Ele também previu o fim da História, o dia em que voltaria para Seu povo (S. João 14:3, 18 e 19; 16:16 e 22); haveria uma ressurreição dos mortos (S. Mar. 12:25-27; S. Luc. 14:14; S. João 5:25-29) e a separação final entre os salvos e os perdidos (S. Mat. 8:11 e 12; 13:24-30 e 36-43; 25:31-46).

Assim, nosso Senhor aparecerá a segunda vez em glória. Voltará à Terra e cumprirá Sua pro-

Descobertas em Elefantine e a Cronologia Posterior ao Exílio

DR. SIEGFRIED H. HORN

Decano e professor emérito de Arqueologia e História da Antiguidade no Seminário Teológico da Universidade Andrews.

mensagem: "vos receberei para Mim mesmo, para que onde Eu estou estejais vós também". S. João 14:3. O propósito redentor da parte de Deus, centralizado em Cristo, atingirá seu cumprimento.

Uma das coisas mais surpreendentes acerca da volta de Cristo é, porém, que nós cristãos precisamos almejá-la e aguardá-la. Devemos lembrar-nos de que ela é "a bendita esperança" (Tito 2:13). Os cristãos primitivos ansiavam-na e ficavam impacientes ao notar que estava demorando. Isto parece estranho a nossa mentalidade atual. Eles desejavam o fim do mundo, e nós o tememos. Será que nossa noção do fim não corresponde mais à noção deles?

Estamos acostumados a relacionar o fim com alguma catástrofe cósmica e chegamos a dispensar a significação cósmica da obra de Cristo, que os crentes primitivos sempre tinham em vista. Para eles, o fim do mundo, posto que cataclísmico, significava a vitória de Cristo. Sua morte e ressurreição já assinalavam o começo do fim do mundo, introduzindo na Terra e na história humana a ordem final das coisas. Começou a nova criação, e já temos vida eterna. Vivemos nos últimos dias e já desfrutamos a vida do mundo por vir. A ordem final das coisas existe, agora — plenamente no próprio Cristo, mas de maneira incompleta no resto da criação. Portanto, quando tudo estiver pronto, Cristo virá outra vez, "para salvar os que O aguardam ansiosamente" (Heb. 9:28, versão inglesa).

Não admira que os primeiros cristãos estivessem ansiosos de que tudo fosse resolvido rapidamente. Não admira que no fim do Apocalipse João exclamasse: "Aquele que dá testemunho destas coisas diz: Certamente venho sem demora. Amém. Vem, Senhor Jesus"! Apc. 22:20. ❧

Referências

1. Em diversas passagens a ressurreição não é encarada como um acontecimento separado da ascensão. Ver, por exemplo, Atos 2:32 e 33; Efés. 4:9 e 10; 1 Tim. 3:16; 1 S. Ped. 3:21 e 22.

2. Segundo foi traduzido na única outra passagem que faz alusão a Cristo como Mediador, a saber, 1 Timóteo 2:5. É interessante notar que o texto grego não contém a palavra *entre*.

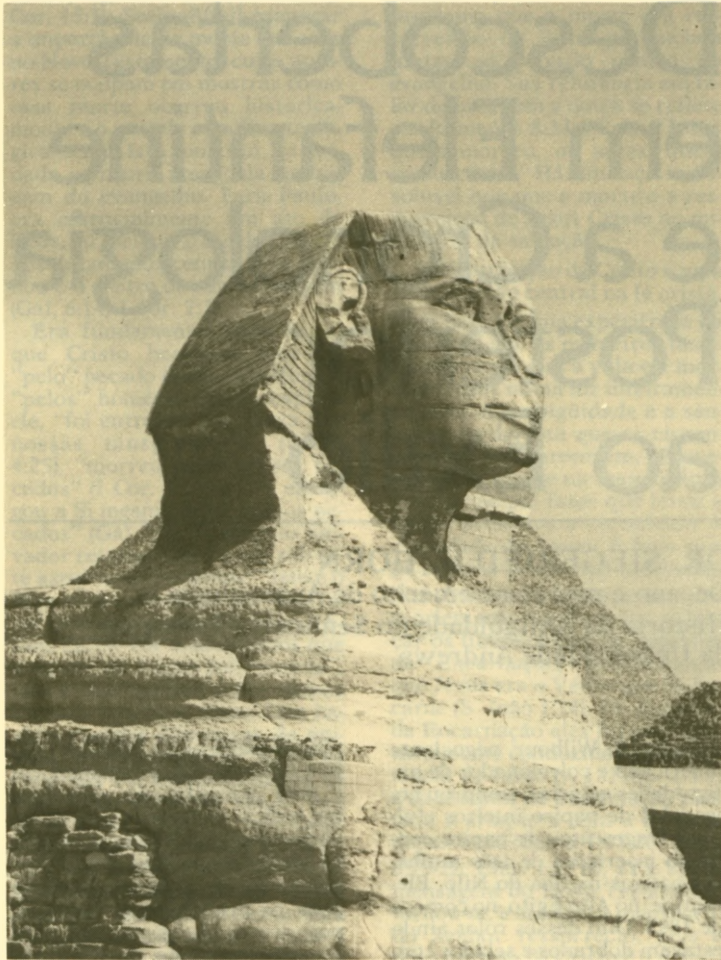
Carlos E. Wilbour, negociante americano e colecionador de antiguidades egípcias, comprou nove rolos de papiro inteiros e alguns fragmentos de papiro contendo inscrições de três mulheres nativas na ilha do Nilo, Elefantine, no Alto Egito, no começo de 1893. Oito desses rolos ainda estavam dobrados e selados com cordões e selos de argila. Pouco depois disso ele mostrou alguns dos fragmentos ao Prof. A. H. Sayce e foi informado por ele de que continham inscrições em aramaico. Ele nada fez, porém, para dar publicidade a sua aquisição ou para decifrar os rolos, mas guardou-os em caixas de biscoitos, no fundo de um de seus baús, onde eles permaneceram até a morte desse homem, quatro anos mais tarde.

Posteriormente, esse baú foi remetido para a América e depositado num armazém de Nova Iorque, onde parece que não foi aberto até a morte da filha de Wilbour, Teodora, em 1947. Nessa ocasião ele passou a pertencer ao Museu de Brooklyn, junto com o resto dos bens de Wilbour. Quando esses papiros finalmente foram desenrolados, forneceram valiosas informações sobre uma comunidade de judeus no Egito, no tempo de Esdras e Neemias. Essa comunidade já era conhecida pelos arqueólogos,

mas os papiros de Wilbour proporcionaram outros pormenores e pela primeira vez proveram um indício da natureza do calendário usado pelos judeus na época posterior ao exílio. Esta informação foi de especial interesse para os cronologistas bíblicos, pois proveu dados precisos para o estabelecimento de 457 A. C. como ponto de partida dos 2.300 dias/anos de Daniel 8, bem como da profecia das 70 semanas de Daniel 9.

Antes, porém, de debater os problemas da antiga cronologia e forma judaica de computar o tempo, temos de descobrir como existiu em Elefantine, a uns 960 km ao sul de Cairo, uma antiga comunidade judaica, e como os eruditos tomaram conhecimento dela por meio de notáveis descobertas de alguns manuscritos.

Essa ilha fica no meio do Nilo, pouco ao norte da primeira catarrata que constitui o limite étnico e geográfico entre o Egito e a Núbia, a Etiópia da Bíblia (ver Ester 1:1; Isaías 11:11). Na margem oriental do Nilo fica Assuã, que em anos recentes se tornou famosa devido à gigantesca represa que produziu o enorme Lago Nasser, de mais de 480 km de comprimento, para irrigação e produção de energia hidrelétrica. A ilha, chamada Yeb pelos antigos egípcios e Elefantine pe-



W. Sarri

A clássica figura da Esfinge.

los gregos, serviu primeiramente de fortaleza egípcia do extremo sul, mas era também um posto comercial por cujo intermédio eram importados tais produtos africanos como marfim, peles de leão, e animais exóticos.

Foi nessa ilha que Wilbour obteve em 1893 os nove rolos de papiro, embora infelizmente levasse esse conhecimento consigo, para a sepultura. No entanto, com o passar do tempo, os habitantes dessa localidade acharam outros papiros e os colocaram à venda no mercado de antiguidades. Mas eles se abstiveram de revelar o local da descoberta, a fim de proteger essa agradável fonte de renda. Um agente da Biblioteca de Estrasburgo comprou o primeiro desses papiros, constituído de três fragmentos, de um negociante de antiguidades, em Luxor, no ano 1898. Outro rolo foi obtido na própria ilha, pelo Prof. Sayce, em 1900; e

em 1904 *Lady William Cecil* comprou três rolos em Assuã, e *Sir Robert Mond* adquiriu mais cinco. Quando estes foram publicados em 1906,¹ o mundo erudito ficou surpreso ao verificar que todos eles provinham de uma comunidade judaica de mercenários militares que haviam guardado a ilha-fortaleza de Elefantine durante o período persa. A excitação suscitada pela descoberta desses documentos trouxe para essa ilha uma equipe arqueológica alemã, a fim de realizar escavações sob a direção de *Otto Rubensohn*, do Museu de Berlim, em 1906 a 1908. Rubensohn conquistou a confiança dos habitantes locais e ficou sabendo qual era o local da descoberta dos papiros que apareceram no mercado de antiguidades entre 1898 e 1904. Surpreendentemente, a expedição de Rubensohn conseguiu descobrir 62 rolos adicionais de papiros em aramaico,

e muitos fragmentos, bem como numerosos cacos de louça com inscrições! Essa profusão de material contendo inscrições, publicada de maneira exemplar em 1911,² abriu perante o mundo erudito quase uma nova disciplina e familiarizou-o com uma fase da história judaica de que pouco ou nada se conhecia até esse tempo.³

A Comunidade Judaica de Elefantine

Entre esses rolos de papiros em aramaico há documentos oficiais — que tratam de casamentos, venda de propriedades, contratos comerciais, decretos governamentais e a libertação de escravos — bem como cartas particulares e oficiais, e até alguns trabalhos literários. Esses documentos foram de suma importância para melhor compreensão do aramaico, a língua oficial do império durante o período persa, pois constituem o maior número de documentos aramaicos de tempos pré-cristãos que sobreviveram e chegaram ao nosso conhecimento. Em vista do fato de que vários capítulos dos livros bíblicos de Daniel e Esdras, posteriores ao exílio, foram escritos em aramaico, toda quantidade apreciável de literatura em aramaico que se tenha originado aproximadamente no mesmo período também era importante para estudos lingüísticos relacionados com a Bíblia. (A comparação dos papiros de Elefantine com as partes em aramaico do livro de Daniel torna deveras plausível datar esse livro do sexto século A.C., e não do segundo século A.C. A data mais antiga recebeu mais recentemente apoio adicional dos rolos do Mar Morto. Ver o artigo de G. Hasel, "Daniel Sobrevive à Cova dos Críticos", *Ministry*, janeiro de 1979.) Além disso, esses papiros proveram informações acerca da história, cultura e religião da comunidade judaica que produziu esse valioso arquivo.

Por meio desses documentos os eruditos ficaram sabendo que durante a 26ª Dinastia Egípcia (663-525 A.C.) judeus da Palestina foram compelidos a estabelecer-se na ilha de Elefantine, como mercenários, para defender a fronteira meridional do Egito. Esses soldados judeus construíram um templo que dedicaram a *Yahweh*, embora também servissem a outros deuses, como seus

compatriotas anteriores ao exílio tinham feito em Judá. Quando o rei persa, Cambises, conquistou o Egito em 525 A.C., ele destruiu o templo egípcio de *Khnum* em Elefantine, mas não tocou no templo judaico de *Yahweh* na mesma ilha, provavelmente porque, como zoroastriano monoteísta, era propício aos judeus, que em geral também eram conhecidos como monoteístas. Esse favoritismo que o rei persa manifestou aos judeus deve ter suscitado desagradáveis tensões entre os egípcios dessa região e os judeus, ou aumentado as tensões já existentes.

Além disso, esses documentos nos revelam que os judeus dirigiam seus próprios assuntos civis e comerciais. No entanto, ocupavam somente os mais baixos postos militares, pois eram meramente soldados rasos, ao passo que seus oficiais eram invariavelmente babilônios ou persas.

De acordo com esses papíros aramaicos, soldados egípcios postados em Assuã atravessaram o rio e destruíram o templo judaico em 410 A. C., quando Arsames, o governador persa, estava ausente do país, numa visita ao rei da Pérsia. Evidentemente, eles tiveram a tácita aprovação de Widrang, o comandante local.

Esfinge e pirâmides, figuras do antigo Egito.



W. Sarifi



W. Sarifi

Um típico campo de escavações arqueológicas.

Quando Arsames voltou, os judeus de Elefantine queixaram-se a ele desse ataque, e o governador puniu a Widrang por sua cumplicidade na violência. Mas, para consternação dos judeus, ele não lhes concedeu permissão para reconstruir seu templo. Antes exigiu que obtivessem per-

missão das autoridades de Jerusalém. Talvez Arsames estivesse familiarizado com tais judeus conservadores como Esdras e Neemias e soubesse que eles se opunham à existência de quaisquer santuários de *Yahweh* que rivalizassem com o templo central em Jerusalém. Por isso deve ter julgado que o melhor era deixar que as autoridades de Jerusalém assumissem a responsabilidade pela recusa de autorizar a reconstrução do templo.

Como não tivessem outra opção, os judeus enviaram uma carta para os dois oficiais de posição mais elevada em Judá: Bigvai, o governador persa, e Joanã, o sumo sacerdote (mencionado em Neem. 12:22 e 23), pedindo permissão para reconstruir o seu templo. Essa carta, evidentemente, foi desprezada pelas autoridades de Jerusalém, pois os judeus de Elefantine nunca receberam uma resposta. Depois de esperar dois anos, eles remeteram outra carta, desta vez só para Bigvai, repetindo seu pedido. Também se prontificaram a pagar um suborno pela almejada permissão, e mencionaram que haviam apresentado esse assunto aos filhos de Sambalá, governador de Samaria, o arquiinimigo de Neemias (Cap. 6:1 em diante). Embora não o afirmassem explicitamente, eles insinuaram assim que se as autoridades de Jerusalém relutassem em atender a seu pedido, a nação rival dos samaritanos talvez estivesse

disposta a autorizá-los a construir em Elephantine uma filial de seu templo.

Essa segunda carta produziu os resultados desejados. Bigvai teve um encontro com Delaia, filho de Sambalá, para não ser traído pelos judeus de Elephantine, e depois dessa consulta deu-lhes permissão para reconstruírem seu templo, mas sob a condição de que ele só servisse para sacrifícios sem derramamento de sangue. Infelizmente, os documentos preservados não nos informam se após o recebimento dessa permissão de Jerusalém, Arsames autorizou a reconstrução do templo de Elephantine, ou se este último realmente foi reconstruído. Até hoje também não se descobriu o verdadeiro local do templo judaico de Elephantine. De outras fontes históricas, sabemos, porém, que alguns anos mais tarde os egípcios se rebelaram contra os governantes persas e expulsaram do país todos os estrangeiros. Não se sa-

O famoso Rio Nilo.

De outras fontes históricas, sabemos, porém, que alguns anos mais tarde os egípcios se rebelaram contra os governantes persas e expulsaram do país todos os estrangeiros.

be o que aconteceu com os judeus de Elephantine depois dessa rebelião. Se foram massacrados ou se receberam permissão para sair do país, é incerto.⁴

O Calendário dos Judeus de Elephantine

Os papiros aramaicos de Ele-

fantine também contribuíram significativamente para melhor compreensão do calendário judaico posterior ao exílio e da cronologia durante o período persa. Pelos dados cronológicos apresentados nos livros de Reis e Crônicas, sabemos que o povo do reino de Judá, ao sul, possuía dois calendários antes do exílio babilônico. Em primeiro lugar, eles tinham um calendário religioso que começava na primavera. Nesse calendário os meses eram numerados de um a doze.⁵ Em segundo lugar, possuíam também um calendário civil que começava no outono. O Ano Novo no calendário civil era o primeiro dia do sétimo mês do ano religioso. Assim, os meses do ano civil eram contados primeiro de sete a doze, e então de um a seis. O décimo segundo mês, que era o último mês do ano religioso, caía portanto no meio do ano civil.

Sabemos também que os judeus, no tempo anterior ao exí-



lio, contavam os anos do reinado de reis estrangeiros, incluindo os governantes do vizinho reino de Israel, de acordo com seu próprio calendário civil judaico, mesmo que isso significasse que seu cômputo diferiria da numeração usada pelo próprio povo de cada um desses reis estrangeiros. Um exemplo é provido pelos relatos que versam sobre a tomada de Jerusalém durante o reinado de Joaquim, em 597 A. C. Os babilônios dataram esse acontecimento em seus próprios anais no sétimo ano do reinado de Nabucodonosor. Mas o compilador hebreu do livro de Reis colocou o mesmo acontecimento no oitavo ano de Nabucodonosor (II Reis 24:12). Isto não é de maneira alguma uma discrepância entre os registros babilônico e hebraico, mas simplesmente reflete o uso de dois diferentes calendários e métodos de cálculo.⁶ Com efeito, plena harmonia de todos os dados cronológicos nos registros bíblicos anteriores ao exílio pode ser obtida reconhecendo e aplicando esta regra.⁷

Os hebreus tinham nomes e números para seus meses. Antes do exílio babilônico esses nomes parecem ter sido idênticos aos nomes dos meses cananeus. Três dos quatro nomes de meses mencionados em livros bíblicos anteriores ao exílio — *Ziv*, o segundo mês, *Ethanim*, o sétimo mês, e *Bul*, o oitavo mês — são também atestados em antigos textos cananeus. Mas durante o exílio os judeus adotaram os nomes dos meses do calendário babilônico, segundo é claramente evidenciado pelo fato de que em todos os livros da Bíblia posteriores ao exílio — Esdras, Neemias, Ageu, Zacarias e Ester — os nomes dos meses são variantes hebraicas dos nomes babilônicos: *Nisan* por *Nisanu*, *Sivan* por *Simanu*, *Elu*, por *Ululu*, *Chislev* por *Kislimu*, *Tebet* por *Shebatu*, *Shabat* por *Shabat* e *Adar* por *Adaru*. Portanto, é certo que os judeus adotaram os nomes dos meses do calendário babilônico durante sua permanência em Babilônia, mas os eruditos bíblicos têm estado divididos em sua opinião quanto a terem os judeus também adotado o calendário babilônico naquele tempo, transferindo o início do ano civil do outono para a primavera. A maioria dos eruditos acredita que só pode ser lógico admitir que os judeus não somente adotaram os nomes dos meses dos babilônios, mas também seu calendário, de

Os hebreus tinham nomes e números para seus meses. Antes do exílio babilônico esses nomes parecem ter sido idênticos aos nomes dos meses cananeus.

modo que só tinham um calendário após o exílio, a saber, o babilônico, que servia tanto para as finalidades religiosas como civis.

Duas passagens de Neemias não estão, porém, em harmonia com essa opinião da maioria. Em Neemias 1:1-3 é relatado um acontecimento que se diz ter ocorrido em *Chislev* (quisleu), o nono mês, no ano vigésimo do Rei Artaxerxes, ao passo que em Neemias 2:1-8 é relatado um acontecimento posterior, o qual ocorreu em *Nisan* (Nisã), o primeiro mês, nesse mesmo ano vigésimo. Assim, aí, o nono mês claramente precede o primeiro mês em determinado ano. Só há duas interpretações possíveis: 1ª: Uma das passagens de Neemias contém um erro, segundo têm insinuado alguns comentaristas bíblicos;⁸ ou 2ª: O autor do livro de Neemias não contava os meses dos anos do reinado de Artaxerxes de acordo com o calendário babilônico, de primavera a primavera,⁹ e, sim, de acordo com o antigo calendário civil, judaico, anterior ao exílio, segundo o qual o Ano Novo caía no outono.

Para determinar que interpretação é correta, torna-se necessário descobrir antigos documentos judaicos que contenham datas duplas — uma data que siga o cômputo judaico e outra data expressa em função do ano de reinado de um rei estrangeiro. Tais documentos existem nos papíros de Elephantine, onde diversos textos legais contêm duas datas: uma egípcia e outra judaica.

Um exemplo pode mostrar o que queremos dizer. O documento *Sayce-Cowley J.* contém a existência de uma reivindicação e provém do ano 415 A. C., segundo é determinado pela primeira

linha, a qual contém a fórmula da data. A linha diz o seguinte: "No terceiro de Chislev, ano oito, isto é, o décimo segundo dia de Thoth, ano nove de Dario, o rei." A primeira das duas datas é expressa de acordo com o calendário judaico, conforme é evidenciado pelo nome do mês *Chislev*. A segunda data usa o calendário egípcio, com o nome do mês egípcio, *Thoth*. Evidentemente, requeria-se que os judeus de Elephantine usassem o sistema oficial de datação do Egito, onde eles viviam, a fim de dar valor legal a seus documentos. No entanto, afigura-se que eles também sentiam a necessidade de acrescentar em muitos dos papíros de Elephantine uma data computada de acordo com seu próprio calendário e cálculo. Notem como nesse exemplo até o ano do reinado do monarca varia nos dois sistemas de datação.

Infelizmente, os documentos que existiam antes de 1947 continham datas duplas da parte do ano em que não havia divergência entre o calendário babilônico, de primavera a primavera, e o calendário judaico, de um outono a outro. Destarte não era possível determinar se os judeus de Elephantine usavam um calendário que era diferente do babilônico.

Entretanto, o quadro mudou em 1953, quando Emil G. Kraeling publicou os documentos que tinham permanecido ocultos de 1893 a 1947 no fundo do baú de Wilbour.¹⁰ Entre esse tesouro mais recente havia documentos adicionais contendo datas duplas. Num deles (Kraeling 6), as datas egípcias e judaicas só podem ser harmonizadas se supusermos que o antigo escriba cometeu um erro¹¹ ou que ele usou um calendário que começava no outono e que ele contava os anos do reinado dos reis da Pérsia de acordo com esse calendário de outono a outono.¹² Temos aí uma situação semelhante à que se encontra nas duas passagens de Neemias que já consideramos, nas quais é possível uma ou outra destas duas opiniões: ou Neemias cometeu um erro, ou ele estava usando um calendário de outono a outono.

Quando Esdras Voltou?

Essas opiniões divergentes têm relação com a data da volta de Esdras de Babilônia no sétimo ano do reinado de Artaxerxes

I (Esdras 7:1-9). Por meio de registros antigos, principalmente documentos cuneiformes datados, ficou estabelecido que o primeiro ano do reinado de Artaxerxes começou na primavera de 464 A. C., e terminou na primavera de 463 A. C., de acordo com o cômputo dos persas. Conseqüentemente, seu sétimo ano foi o ano 458-457 A. C., de primavera a primavera. Se Esdras contava os anos do reinado do rei dessa maneira, ele deve ter voltado na primavera de 458 A. C., pois é declarado que ele partiu de Babilônia durante o mês de Nisan, o sétimo ano de Artaxerxes, e chegou a Jerusalém quatro meses mais tarde (Esdras 7:9). Seguindo este raciocínio, muitos comentaristas atribuem os acontecimentos descritos em Esdras 7 ao ano 458 A. C.¹³

Por outro lado, se Esdras usou o calendário judaico de outono a outono, como evidentemente foi o caso de seu contemporâneo, Neemias, e também dos judeus de Elephantine, o primeiro ano de Artaxerxes teria sido computado pelos judeus como tendo começado no outono de 464 A. C., e terminado no outono de 463 A. C. Assim, o sétimo ano desse rei teria começado no outono de 458 A. C., e terminado no outono de 457 A. C. O mês de Nisan, um mês primaveril, no qual Esdras e seu grupo partiram de Babilônia, teria, por conseguinte, caído na primavera de 457 A. C., e sua chegada a Jerusalém teria ocorrido no verão de 457 A. C. Conseqüentemente, os papiros de Elephantine dão forte apoio a nossa conclusão de que o decreto de Artaxerxes foi emitido e posto em execução no ano 457 A. C.

Os Adventistas do Sétimo Dia têm consistentemente adotado a data da volta de Esdras de Babilônia como o ponto de partida para o mais longo período profético da História — a profecia dos 2.300 dias/anos de Daniel 8:14. No tempo de Guilherme Miller e dos antigos pioneiros adventistas, as datas cronológicas da História antiga baseavam-se inteiramente no Cânon de Ptolomeu, do segundo século A. D. Sua fidedignidade fora confirmada por diversos dados astronômicos fornecidos por Ptolomeu em conexão com os seus dados cronológicos. Uma dificuldade é que os anos do reinado de vários reis incluídos nesse cânon (a começar com os reis babilônios do oitavo século A. C. e con-

tinuando com os sucessivos governantes persas, helenísticos e romanos) foram expressos em função do calendário solar egípcio, o qual diferia dos calendários de outras nações antigas. Descobertas posteriores, especialmente os numerosos ladrilhos cuneiformes, datados, do vale mesopotâmico, corroboraram os dados de Ptolomeu em geral, provendo-nos ao mesmo tempo datas mais precisas com respeito a alguns pormenores. Nalguns casos, estas descobertas mais recentes mostraram que as datas no sistema A. C./A. D., que outrora haviam sido adotadas para governantes antigos, com base no Cânon de Ptolomeu, precisavam de algumas correções. Certas correções também têm sido aplicadas a Artaxerxes I.

No entanto, as evidências de que tanto os registros judaicos de Elephantine como o livro de Neemias usavam um calendário de outono a outono e computavam os anos do reinado dos reis persas de acordo com o seu próprio calendário proporcionam amplo apoio à designação de 457 A. C. (e não 458 A. C.) como o ano em que Esdras voltou de Babilônia.¹⁴ ■■

1. A. H. Sayce e A. E. Cowley, *Aramaic Papyri Discovered at Aswan* (Londres, 1906).

2. Eduard Sachau, *Aramaische Papyrus und Ostraka aus einer jüdischen Militär-Kolonie zu Elephantine* (Leipzig, 1911), dois volumes.

3. A. E. Cowley publicou todos os papiros aramaicos conhecidos até 1923, com meticolosas considerações lingüísticas e históricas, na seguinte obra: *Aramaic Papyri of the Fifth Century B. C.* (Oxford, 1923).

4. Pormenorizada consideração da história, religião e vida da colônia judaica de Elephantine pode ser encontrada na obra de Emil G. Kraeling, *The Brooklyn Aramaic Papyri* (New Haven, Conn. 1953), págs. 1-119.

5. Para não complicar a consideração do ano lunissolar dos babilônios ou judeus que inseriam um décimo terceiro mês nalguns anos, a intervalos regulares, a fim de ajustar o calendário das estações, esse décimo terceiro mês intercalado não é levado em conta em nosso breve estudo aqui. Para uma consideração desse e outros problemas alusivos ao calendário, ver os verbetes "Month" e "Year" no *Seventh-day Adventist Bible Dictionary* (edição revisada; Washington, D. C. 1979).

6. Siegfried H. Horn, "A Crônica Babilônica e o Antigo Calendário do Reino de Judá", *AUSS* 5 (1967): 12-27.

7. Edwin R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings* (edição revisada; Grand Rapids, Mich., 1965); *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 2 (Washington, D. C., 1954), pág. 144.

8. Wilhelm Rudolph, *Esra und Nehemia* (Tubingen, 1949), pág. 102, corrige o ano vigésimo de Neemias 1:1 para o ano dezoenove. Roland de Vaux, *Ancient Israel* (Londres, 1961), pág. 192, considera Neemias 1:1 como "corrupto". Loring W. Batten, *The Books of Ezra and Nehemiah*, "International Critical Commentary" (Nova Iorque, 1913), pág. 182, chama as datas em Neemias 1:1 e 2:1 de "interpolações pelo cronista" e acha que o Cap. 1:1 diz erroneamente "vigésimo" em vez de "décimo nono", "a não ser, como sugere Wellhausen, que o ano é computado como começando no outono, segundo o sistema sírio (*Is. jud. Gesch.* 173)". Peter R. Ackroyd, *I & II Chronicles, Ezra and Nehemiah* (Londres, 1973), pág. 264, comenta sobre Neem. 1:1 "Parece haver um erro aqui (leia-se 'décimo nono')". Raymond A. Bowman, em *The Interpreter's Bible*, vol. 3 (Nashville, 1954), pág. 663, considera o ano 20 de Neem. 1:1 um "erro... em lugar de 'ano décimo nono'".

9. Os persas adotaram o calendário babilônico. Isto é atestado por numerosos textos cuneiformes, datados, do período persa.

10. Sobre a publicação de Kraeling, ver Nota 4.

11. Richard A. Parker, "Algumas Considerações Sobre a Natureza do Calendário Judaico do Quinto Século em Elephantine", *JNES* 14 (1955): 274.

12. Siegfried H. Horn e Lynn H. Wood, "O Calendário Judaico do Quinto Século em Elephantine", *JNES* 13 (1954): 14-16.

13. Martin Noth, *The History of Israel* (segunda edição; Nova Iorque, 1960), pág. 320; John Bright, *A History of Israel* (segunda edição; Filadélfia, 1972), pág. 380.

14. Para uma consideração de todos os problemas de calendário e cronológicos relacionados com a volta de Esdras de Babilônia, ver a obra de Siegfried H. Horn e Lynn H. Wood, *The Chronology of Ezra 7* (edição revisada; Washington, D. C., Review and Herald Publishing Association, 1970).

(Conclusão da pág. 3)

Cristo Jesus nosso Senhor, que me considerou fiel, designando-me para o ministério, a mim que noutro tempo era blasfemo e perseguidor e insolente. Mas obtive misericórdia, pois o fiz na ignorância, na incredulidade. Transbordou, porém, a graça de nosso Senhor com a fé e o amor que há em Cristo Jesus."¹¹

1. I Cor. 1:21. 2. I Cor. 3:9. 3. Apoc. 1:1 e 2. 4. S. Mat. 10:40. 5. S. Luc. 10:16. 6. S. João 4:38. 7. S. João 20:21. 8. *The Broadman Bible Commentary*, 8:79. 9. Atos 9:4 e 5. 10. J. Herbert Kane, *Understanding Christian Missions* (Grand Rapids: Baker Books House, 1974), págs. 97-100. 11. I Tim. 1:12-14.

MINISTÉRIO ADVENTISTA

Uma Revista para Pastores e Obreiros

JUL/AGO 82



NÚMERO 4